

49
50
52

ALINE BEI

O PESO DO PÁSSARO MORTO

8
17
18
28
37
48
49

NUS



edith **NUS**

ALINE BEI

O

PESO DO

PÁSSARO

MORTO

ao canário que,
Assustado em caber na palma,
morreu na minha mão.

Un pájaro de papel en el pecho
dice que el tiempo de los besos no
ha llegado.

VICENTE ALEIXANDRE

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Dedicatória](#)

[Aos 8](#)

[Aos 17](#)

[Aos 18](#)

[Aos 28](#)

[Aos 37](#)

[Aos 48](#)

[Aos 49](#)

[Aos 50](#)

[Aos 52](#)

[Póstumo](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos](#)

aos 8

seu Luís é um velho sabido com cheiro de grama.

acho que o desodorante dele

é verde

e o corpo deve ter uns 100 anos de tanta ruga

na pele toda, um homem

tartaruga.

a casa que ele mora

parece uma toca

tem muita árvore antes de começar pela

Sala

de sofá

cinza e um eterno presépio

que fica o ano inteiro na mesa de centro

com o menino jesus fora

da manjedoura.

quando o seu Luís não está olhando

eu coloco o jesusinho de volta na

cama, coitado,

e depois de dias, quando eu volto,

sempre de mão dada com a minha

mãe,

o jesus está fora da cama

mais uma vez.

aí eu fiquei religiosa,

achando o deusinho um menino teimoso.

seu Luís

é benze Dor.

quando eu estou com dor de garganta e eu estou sempre com dor de garganta,

ao invés de médico, minha mãe me leva no

seu luís.

fico tensa antes
e toda vez
porque acho aquela casa com muito cheiro de mato, a TV ligada num canal
que
ninguém assiste.
na hora de benzer é reza de índio,
a voz do seu luís fica
Grave
parece que tem um cacique dentro dele
cantando pra eu
Srar. minha mãe pede fecha o olho,
finjo que fecho
mas ainda vejo
um pingo do chão, a ponta do pé
na dança
da cura. dá um pouco de medo
misturado com vontade de
rir, mas a bênção
funciona.
depois de uns três dias minha garganta Para de doer pra sempre até a próxima
dor.
seu luís
é marido da dona Rosa. ela está sempre de vestido
e faz o melhor pudim pra minha boca, a colher até bate no dente de tanto que
eu chupo pra roubar todo o gosto daquele doce, seu luís fica me olhando.
nem de noite ele tira os óculos escuros, gosto quando ele me mede na
parede
pra saber se eu cresci desde a última vez que nos vimos.
quase sempre eu cresci,
todas as crianças são assim
tirando as que passam
Fome, eu vi na televisão
que precisa de leite e carne pra pele da gente
virar adulto.
na volta pra casa minha mãe me dizia:

– seu luís é um homem de
deus.

da minha janela dava pra ver
a casa dele,
eu espiava de vidro aberto quando não sentia vontade de dormir.
ele ficava sem pressa
regando as plantas, perfumando a rua
com água de
mangueira.
depois sentava na cadeira de balanço
e fumava palha no meio da noite
1 passarinho cantando sua música de céu
escuro como eram
meus olhos de tanto eu não dormir ou
só dormir já no fim da noite
começo da manhã quase hora
de acordar.
eu queria tanto entender
as coisas no colégio, ficava com a cabeça cheia de matemática, mas era só
olhar
seu luís Fazendo
que eu me sentia mais tranquila
quanto a essa história de entender.
eu gosto do deusinho teimoso que não para na cama porque eu também
sou assim.

+

acordei num Salto com minha mãe chamando

– vamos.

eu tinha prova

logo na primeira aula, no café da manhã eu sabia mais de sono do que de matemática, meu pai testou como eu estava

me fazendo perguntas

diretamente do livro, já um pouco estragado, de tanto ser aberto e fechado além de

esquecido no chão também do banheiro. eu não soube responder pergunta nenhuma, queria comer sucrilhos eternamente e colocar óculos escuros igual ao seu luís. cheguei a pedir 1 óculos pra minha mãe que disse preferir olhar nos meus olhos quando estávamos conversando.

tudo bem.

eu vou fazer um óculos de bolacha maria assim que acabar

a semana

de prova.

minha rotina no colégio

era a pior parte do meu dia. eu tenho

muito medo de borboleta e minha escola cheia de verde

era cheia de asa

também. eu tinha 1 amiga que

imitava borboleta pra mim, pra me provar que não era tão terrível estar perto de uma.

a imitação ficava muito boa. tão Boa que, às vezes, eu sentia medo da minha amiga chamada

Carla, mas

passava

assim que acabava a

brincadeira.

contei pra ela sobre o seu luís,

a carla não sabia o que era

benzedeiro.

– é uma pessoa
que arruma qualquer coisa dentro da gente sem precisar abrir com faca.

ela ficou curiosíssima, também porque eu disse isso

D e v a g a r.

prometi que a levaria na casa dele pra ela ficar boa, mas Antes
ela tinha que pegar uma gripe ou qualquer coisa
assim.

ela me disse que ia tentar, mas a carla tinha
uma saúde

de aço ou a mãe dela colocava um saco
invisível nela protetor de doença e machucado.

nunca ouvi a carla tossir.

ela nunca deu choro de ralar joelho, pelo menos um roxo, Nada, Carla
a menina Intacta.

fora a inteligência

dela que me explicava

divisão durante o intervalo fazendo assim:

– 2 sanduiches

para 2 meninas

é = a

1 sanduiche para cada menina e

zero fome.

falando desse jeito e depois comendo

o lanche eu entendia

Tudo, pensava

que moleza,

!,

mas na hora que a Prova me olhava nos olhos,

minha barriga

virava gelo e a cabeça

um Choro

parecido com aquele que rádio faz quando o carro está chegando na Paulista.
numa tarde de pudim perguntei pro seu luís por que rádio chora só nessa rua
comprida.

– não é choro, é
chiado. o rádio chia porque a casa dele está perto. é o jeito dele dizer que está
perto, uma espécie de
Reconhecimento.

(fiquei com cara de nuvem. seu luís
tirou os óculos.
Nunca tinha visto
uma fundura de olho assim pequenininho cor de pedra
lá dentro da testa
com água de meleca nos cantos virando
o canto
mais Triste que já ouvi. perguntei pra minha mãe por que tanto olho no fundo
do seu luís. ela disse que era segredo, me contaria se eu jurasse.
jurei e ela soprou no meu ouvido:
é catarata,
a pessoa vai deixando de ver o mundo.
mas se ele benze
tudo
por que não benzer o olho morto pra voltar normal?
será que ele prefere não ver?
imaginar o mundo
deve ser mais bonito mesmo.

seu luís seguiu me explicando.)

– por exemplo. quando tua mãe vai te buscar na escola, você não dá um
Abraço nela?

– sim.

– pois então. o rádio chiando é jeito dele abraçar a mãe que mora na paulista.

– mas então o rádio não mora no rádio?

– onde o rádio acontece de verdade não é dentro do rádio do carro. aquele

aparelho com botão é só uma reprodução do que acontece em um estúdio e
muitos deles ficam em prédios
na paulista.

uau.

a rua paulista

tão Reta

parecendo um rio de ferro dando pra ver até o fim carro moto

carro gente

gente moto era na verdade a Mãe

dos rádios, que maravilha.

a carla

também achou a Paulista a melhor mãe do mundo pelo que eu contei.

– um dia te levo lá,

na Paulista não tem borboleta, seu luís falou que borboleta morre

de medo

de prédio, gosta só de

árvore. seu luís sabe

todos os segredos das árvores,

eu acho que é porque ele usa desodorante verde que eu nunca vi no mercado

dessa cor,

só quem benze é que deve poder usar.

no nosso pátio de escola

a maioria das árvores eram:

– Pinheiros.

a professora de ciências nos mostrou no livro e depois

pela escola, na fotografia

pinheiro tinha cheiro

de papel e tinta.

no pátio

eu brincava de esconde–

esconde com a

Carla, contava até 30 e usava sempre o mesmo Pinheiro pra apoiar o braço,
eu não roubava nadinha e a carla
se escondia tão Sumida que
às vezes
batia o sino fim de recreio comigo sem achar
a minha amiga,
eu procurava tão
atenta e a Carla em lugar
nenhum, de repente

ela Aparecia,

de repente ela estava dentro do armário de limpeza,
encolhida no meio
da grama, rindo com a mão na boca
encostada na estante
da biblioteca,
eu dava um grito de:

– Achei!

a velha com crachá e coque atrás do balcão fazia
SHIU tão
Brava,
a gente fugia
de lá pra se esconder
de novo, eu contava
de novo
até 30
e a carla um fantasma
nada dela em nenhuma escada,
nem na lanchonete, nem na quadra e de repente ela me dava um

S U S T O

atrás da porta do banheiro quando eu

ia fazer xixi já tão
desistida, me chamava de:

– Lenta.

e corria
se escondendo de mim no laboratório,
na pedrona
do pátio que a professora de história
chamava de:

– machu picchu.

na portaria do colégio,
eu atrás
procurando os
rastros
e de repente

ela Morreu,

o diretor vestindo preto
bateu na porta da minha
sala dizendo:

– Carla
está morta.

sua voz um Piano caindo em mim.

as professoras todas
choraram muito,
apoiaram a cabeça na mesa aos litros.
a carla tinha tirado nove
na prova
de matemática e

não soube.
a escola inteira
chorou, inclusive o banheiro. estourou um cano e disseram que era
vazamento mas
pra mim
aquilo era a parede chorando. a carla ia muito
ao banheiro, molhava na pia o cabelo pra fazer a borboleta e quando vamos
muito aos lugares, eles começam a gostar da
gente ao ponto de sentir saudade se ficarmos um tempo
sem aparecer.
a carla morreu
e eu não sabia exatamente o que isso significava. perguntei como,
os adultos fizeram
silêncio.
ouvi só a dona márcia secretária dizendo no corredor pra professora de
ciências
que o cachorro
do vizinho
era um Tigre.
pensei que a carla voltaria quando cansasse de morrer
e imitaria as borboletas no pátio pro meu medo passar.
Fiquei esperando.

na escola

em casa

na cozinha

perguntei pra minha mãe:

– o que é morrer?

ela estava fritando bife pro almoço.

– o bife

é morrer, porque morrer é não poder mais escolher o que farão com a sua carne.

quando estamos vivos, muitas vezes também não escolhemos.
mas tentamos.

almoçamos a morte e foi calado.

enquanto minha mãe lavava louça fui até a casa do seu luís às escondidas,
mas não exatamente,

acho que minha mãe ouviu

a porta batendo e que era eu

saindo com os meus 8 anos atravessando a rua olhando

pros 2 lados que meu pai me ensinou cuidado e

batendo na casa do seu luís,

pra Perguntar. minha mãe deixou eu ir, deve ser porque morreu uma menina
de oito anos e isso transformou ter a minha idade em ser adulta ou

quase.

toquei a campainha que era um sino.

atendeu a dona rosa.

– oi, seu Luís tá aí?
– veio sozinha?

(balancei que sim)

– sua mãe sabe que você está aqui?
– deixa ela entrar, rosa. pode entrar.

entrei e o cheiro
de mato. Atravessar a rua pra casa do seu luís me levava até o menor país do
mundo chamado A Morada dele, 2 habitantes apenas e muita grama.
o deuzinho
fora
da manjedoura até que me fez feliz mas aquele Piano saído da voz do diretor
do colégio
ainda estava em cima de mim.
sentei no sofá
pronta pra perguntar mas
nem precisou.

– eu soube que a menina que morreu era amiga sua.
– a carla.
– e você tá se sentindo como?
–

Sozinha.

quando ela volta, seu luís?

(ele tirou os óculos
de novo.
o olho de pedra
me assustou um pouco
menos)

– ela não volta.

quer dizer,
ela só volta dentro de nós toda vez que alguém pensar nela.
fora, nunca mais.

ele acendeu seu cigarro de palha.
fiquei olhando o fogo como coisa bonita que dança sem ninguém pedir. na
história do mogli que meu pai me contou,
fogo chama flor
vermelha e pode matar
a floresta
inteira, mas pequeno assim no cigarro não
parece.

– por que as pessoas morrem?
– tudo o que é vivo morre, você já teve um peixe? eles morrem muito. todo
mundo morre muito, se não for de uma coisa é de outra.
– foi o deusinho que morreu a carla, seu luís?
– não.
– então quem?
– ninguém te contou?
– ninguém me contou. eu perguntei pra bastante gente. ela nunca tinha
doença. eu queria apresentar o senhor pra ela, mas antes ela precisava ficar
doente. ela nunca ficava.
– bom,
a carla morreu de
Cachorro,
ouvi dizer que era uma menina muito curiosa.
Subiu no Muro pra ver
o bicho mais bruto do bairro. queria saber o rosto como era, o tamanho da
boca, a cor
do pelo. ela queria entender a placa

CÃO BRAVO

foi quando o cachorro deu um salto e
puxou o pé

da carla. não deu tempo pra mais nada além de
Gritar.

– ela tá desmontada?

(ele fez que sim com a cabeça)

– mas então a gente pode
Colar a carla de volta! o senhor Benze e
pronto!, ela Vive de novo.

(ele apagou o cigarro no cinzeiro.

virou o rosto
buscando a dona rosa que estava de costas
fazendo feijão)

– é uma Pena,
mas eu não sei fazer a morte
parar.

a sala ficou um Luto.
de barulho
só as panelas no fogão.
olhei perdida pro seu luís,
ele não parecia mais tão sabido.
parecia um velho
Triste
esquecido de tudo.

– agora é melhor você voltar pra casa, sua mãe pode estar
preocupada.

e o pescoço
murcho,
a sobrancelha torta por trás dos
olhos.

pensei que o seu luís consertava o Mundo,
mas era só gripe e os problemas de alergia da minha mãe.
será que a Carla pulou no cachorro
pra machucar o corpo
e conhecer o seu luís? se sim
não valeu a
pena, era melhor a gente voltar
no tempo e
Desistir.
levantei do sofá estranhando meu peso.
saí dali sem dizer palavra, seu luís
encostou a porta
atrás de mim.
atravessei a rua esquecida do Cuidado.
um carro
freou tão forte, ficou o cheiro
de borracha que não me assustou eu estava
Adulta,
assustou minha mãe que correu pra janela
me ver.
entrei em casa, sumi no chão ao lado
da porta.
Chorei pensando que chorar assim deve desmanchar o rosto da gente,
derreter os cílios.
pedi pro deusinho minha amiga de volta pelo menos um pouco pela última
vez.
só mais 1 dia ao lado dela sabendo que
Acabou, pedi
por favor
deusinho
volta a carla ao normal pra mim que sem ela eu acho que
Não Consigo.
tentei segurar
as lágrimas que caíam na minha mão em
concha,
eram tantas,

será que com o uso
um dia a lágrima acaba?, a vida
pode ser longa e eu não queria
virar
uma menina sem lágrima no meio do caminho
uma mulher.
coloquei minha água na boca, foi salgando a língua ao invés da mão.
minha mãe
sentou tímida ao meu lado.
sempre gostei dela fazendo carinho no meu cabelo mas hoje estava esquisito,
no dia que eu descobri o que é Morrer.

– o que aconteceu com o cachorro, mãe? – indaguei num soluço.
– (um silêncio.
depois,) ele morreu também.
– e o grito?
– que grito?
– seu luís me contou que teve grito na morte da carla.
– ah, o grito. não sei, pode ser que
ele esteja guardado.
– no muro?
– é. no muro.
– e a carla tá guardada onde?

minha mãe me disse que a carla
mora morta embaixo da terra que é
a casa dos mortos ao mesmo tempo que o céu também, mas o céu
guarda a parte viva da pessoa, aquela coisa que
não morre nunca, não a saudade,
a saudade é amor e é dos vivos,
estou falando da coisa viva que fica nos mortos, minha mãe chama de:

– alma.

eu
prefiro chamar de:

– quando o deusinho teimoso mora na gente.

+

deu ano novo e eu mudei
de escola. meus pais
discutiram sobre
pensando que era melhor eu ter menos estímulos de Carla e no colégio antigo
quase tudo me lembrava
Ela.
o colégio novo era
uma Selva.
que pequeno o pátio, eu não gostava de basquete e tive que jogar pra não tirar
zero. me acostumei a ser a última escolhida pelos times porque eu não era
boa e achava justo. começaram também a me dizer:

– você
não é bonita.

e pra Ana diziam:

– você é
bonita.

teve uma vez que eu fiquei no espelho
olhando a minha cara e a ana na pia do lado, olhando a dela.
eram caras muito parecidas
dois olhos no mesmo lugar, cabelo na cabeça, dentes.
a ana dizia:

– vamos?

e as pessoas iam.
eu
quase nunca usava plural fora de casa.
comecei a pensar que quem sabe eu poderia Ser
Mais
Como Ana e comprei um tênis igual.
todo mundo reparou. Riram do meu pé dizendo:

– é cópia.

Riram muito
do meu pé me apontando
dedos, fizeram 1 Roda em volta de mim.
eles Giravam gritando é cópia, gritando
é feia,
pensei que morreria igual a carla, será que aquilo era morrer?
minha calça ficou
Molhada, calça cinza de moletom virando escura.
comecei a ouvir risadas mais altas e um:

– ela se Mijou!

muito Alto,
fechei os olhos e senti
o perfume
da professora
puxando minha
mão.
pediu Chega
e de som no pátio ficou só o eco
dos passarinhos e alguns pés
de crianças voltando
pra aula sem saber o que tinha acontecido porque
não tinham visto.
a Professora
me levou pra sala dos
professores que eu nunca entrei,
estava vazia.
era grande com mesa parecendo de jantar e garrafa
térmica.
pedi café por favor. ela disse que isso não era bebida de criança, mas hoje
tudo bem e
me deu,

queimei a língua que morreu
até de noite.
enquanto a professora me abraçava, me trocava a calça na mochila tinha
outra e abria
a boca com batom pra dizer umas coisas que eu não
entendia mas
pareciam boas, chorei de saudade da
Carla minha menina
intacta que sempre soube fazer do medo
um pó
de risada nossa.

+

minhas notas só pioravam.
o tempo que eu passava estudando era do tamanho dos estados unidos, eu vi
no mapa
os estados
unidos
Enorme cheio de
nomes, um dia eu quero ir pra lá e também na
África. conhecer a Rússia.
viajar o mundo
em busca da rua mais bonita que já nasceu.
existe Avião, meu pai disse que nele tem escada com roda e os passageiros
sobem pra entrar,
avião
mesmo no chão
é muito Alto,
ele leva mais longe e mais rápido o maior número de pessoas para os lugares
que elas precisam ir.

– então avião é deus?

meu pai disse que não porque avião são vários de várias empresas.
pensei que as igrejas também,
acho que meu pai não está querendo
me contar a verdade,
ele pensa que eu não vou entender deus sendo um tipo de
Máquina
com gente que trabalha dentro usando terno e saia pra voar no mundo.
eu vou ser assim
quando tiver um
emprego,
vou trabalhar dentro de deus
e nunca mais nenhum idiota do colégio vai mexer comigo.
se tentarem
estarei nas nuvens,
não vou ouvir.

meu pai me contou que chama Aero Moça o que eu quero ser. minha mãe não gostou da ideia, disse que era:

– perigoso.

e me chamou
pra ir na casa
do seu luís.

– não tenho tempo é muita prova, eu disse séria e ela respondeu:
– tudo bem.

mas não era
Tempo,
o problema foi a perda
da parte
de mim que
acreditava, vazou no banho um dia
pelo ralo,
escorreu e a água rápida mandou pro cano que levou pro rio.
acho que aconteceu a mesma coisa com a minha mãe.
aos poucos
reparei que
ela também
deixou de ir no seu
luís.

+

A cura não existe

foi o título da minha redação. tirei 4
e meio com um bilhete dizendo que não estava bem escrito mas eu
gostei.
amigos na escola nova eu não tinha nenhum.
me apaixonei por 1 menino chamado caio que só tinha olhos pra ana então eu
não disse nada e amassei o amor tentando esquecer.

(mas antes de amassar
eu cheguei a bolar 1 plano: levei de lanche 2 tortuguitas,
ouvi ele dizendo que Gostava,
inclusive
gostava
de comer devagar feito eu.

– mãe, quero duas.

e no recreio de pátio pequeno
fiquei esperando o melhor momento que não chegava, acabei sentando de
qualquer jeito do lado dele na mesa de plástico,
o sino bateria em menos de 3
minutos, o relógio
com asa, pensei:

e se não existir momento perfeito?, mais por culpa do perfeito que do
momento,

Sentei.

ele levantou rápido dizendo pro amigo:

– que cheiro de mijo por aqui.

me cheirei e não senti

nada.

pelo pescoço subiu um grosso de choro que eu não deixei chegar no olho,
fiz força pra baixo,
pro estômago,
melhor virar um pum do que chorar na frente dele.
cheguei em casa e
pedi pra mãe algum perfume.

– você é uma criança, só sabão já está bom.

no banho
cheirei o sabonete pra ver se tinha xixi:
nada,
e na embalagem estava escrito:

Lavanda

me sequei com toalha quente
de ferro
que minha mãe deixou dobrada
na cama,
nenhum pelo
no meu corpo
nenhum seio
no meu peito.

coloquei pijama.

peguei da lancheira a tortuguinha um pouco
mole que sobrou do
caio, meus cabelos
ainda molhados.
comi devagar como sempre
jurando pra mim mesma nunca mais
olhar na cara
daquele Idiota, eu

me sentindo uma,

mas não chorei)

+

pra ficar com menos
saudades de
carla eu escrevia
Cartas
pra ela Por horas,
querendo fazer caber tudo o que eu sentia sobre ela ter me deixado tão sem
aviso.
quando eu
ainda era amiga do seu
luís,
benzendo da gripe ele me contou que Carta era um ótimo jeito de dizer que se
amava alguém porque às vezes falando a pessoa não entende nada ou
escuta pouco pensando em
outras coisas.

– escrever é mais forte,

ele me disse e pegou da gaveta
um bolo de cartas que ele tinha escrito
pra dona rosa quando ela
ainda era rosinha e morava com os pais numa fazenda Longe.

– foi numa festa de são joão que a gente se conheceu. a Rosa era a menina
mais bonita
com aquelas tranças.

e eu imaginando a dona rosa de tranças mas
não conseguia deixar ela sem ruga, na minha cabeça ela virou uma cara velha
num corpo
de moça, me deu vontade de
rir.
seu luís leu algumas cartas pra mim, a dona rosa toda
sorridente na cozinha de um jeito que eu
nunca tinha visto.
me serviu pudim e estava O Melhor dos melhores,

– assim meu estômago vai desmaiar,
eu disse chupando a colher

e seu luís lendo
coisas lindas
de amor,

rosa,
é grande a saudade que sinto do cheiro que sai do seu corpo quando você
anda e
venta junto

ou

vou conversar com seu pai pra gente casar. eu não tenho dinheiro como ele
gostaria mas tenho um peito
que dentro só cabe
teu nome
e medo nenhum quando penso em você.
se tudo der errado te proponho uma fuga
e muito amor
pro resto da vida.

ou

faltam poucos dias pra gente se ver,
aguenta firme
eu digo para as minhas pernas
bambas quando lembram das suas.

do seu,
Luís.

aquelas cartas deixaram a dona rosa tão feliz
e no seu luís um brilho

parecido com o fogo
que sai
do cigarro sempre na
boca,
então decidi escrever assim pra deixar a carla morta muito mais feliz sabendo
que eu amo ela forte pra escrever
um monte
de carta que, agora, ela deve ter muito tempo pra ler.

Carla,

you devia ter me avisado.
sumir pra nuvem assim foi como brincar de esconde-esconde pra sempre, fez
nascer um buraco em mim, lembra do vulcão na aula de geografia?
então, é assim que eu me sinto
mas sem o fogo
que não é quente ficar sem você,
algo em mim congelou.
você sempre será minha menina favorita no mundo mesmo quando eu crescer
e conhecer outras meninas, juro que nenhuma será como você.
pensei que podíamos seguir conversando, mesmo que eu não possa ver você
porque o deusinho não deixa, se não
eu morro também.
queria saber como é morrer, você me conta? queria saber como fica o corpo
morando assim, na nuvem. você sente igual quando estava viva? a
diferença é só que a gente não te vê mais?
Achei uma foto sua no álbum da escola. você estava com o sol na cara e seu
olho verde mais verde que nunca por culpa do amarelo do sol.
você estava linda, carla. na foto eu deitei no seu ombro porque você estava
linda e porque eu te amo mesmo com você morta. espero que seus olhos
estejam abertos.

um beijo e um abraço, na próxima carta vou te fazer um
Desenho.

pra mandar

eu subia no telhado pela laje.
fazia um avião com a carta e mirava
o céu.
dona Sônia a vizinha
do lado
direito
bateu em casa numa tarde de sábado.
meu Pai atendeu.
quando fechou a porta ele tinha um saco
de mercado nas mãos e me olhou cansado dizendo:

– você tá jogando papel lá na casa da dona Sônia?

peguei o saco da mão dele.
dentro Eram as cartas pra carla, que merda, avião de papel não viaja o céu
inteiro.
então pensei em pedir ajuda pro's passarinhos.
eu colocaria a carta no bico e eles entregariam como fazem nos correios.
mas o tempo
que eu levava era
muito grande, não é toda hora que tem pássaro no telhado e quando tinha eles
eram bem teimosos, bonitinhos
mas preguiçosos,
ou eles nem pegavam a carta
ou eles achavam que a carta era comida. os pombos eram os piores. mal me
olhavam na cara, voavam curto, sempre
cansados.
que merda,
merda era uma palavra nova
pra mim
que satisfazia as minhas angústias deixando no peito um
alívio.
no fundo
eu sabia Quem
era o único que podia me ajudar, apesar de
tudo.

não sou orgulhosa, o motivo
é nobre então Fui
até a casa
do seu
luís.

pensando bem não deve ser fácil curar todos os defeitos do mundo, se ele
tinha dom de curar alguns já era legal da parte dele, além da saudade que
eu sentia do deusinho.

fora que eu precisava contar pro seu luís que a carla agora mora nas nuvens,
é como morar em algodão doce e ser pequeno.

não precisa ir pra escola só precisa ser leve pra não cair do céu e morrer de
novo.

aí eu não sei o que acontece com quem morre de novo, mas
deve ser

Grave.

atravessei a rua.

toquei o sino,

(nada)

bati na porta,

()

virei a maçaneta,

(trancada.)

voltei pra casa chamando mãe,
– cadê o seu luís?

ela não tinha me contado nada porque achou que
era muita morte pra eu saber de uma vez só.

+

aos 17

era o meu primeiro show de rock.
a Paula me chamou pra ver aquela banda holandesa
de nome impronunciável muito menos
escrevível, mas fui.
era por Ela, afinal de contas, que quebrava todos os meus galhos até naquela
vez que menti pra minha mãe de ter
dormido na casa da paula, mas eu
tinha passado a noite
debaixo de uma árvore
com o Pedro
beijando aquela boca macia
minha língua cansada sem querer parar
de lambar o menino
mais lindo que meus olhos já
viram, a vontade era de
engolir o
Pedro e guardá-lo dentro pra toda vez que eu ficasse triste lembrar que ele
existe em mim.
inclusive eu queria que ele tivesse ido no show pra gente continuar se
beijando, Insisti,
mas a mãe do Pedro
estava sem dinheiro e ingresso
custa caro.
não éramos namorados
porque ninguém pediu que sim.
mas nos amassávamos regularmente
pelos cantos do colégio

nas escadas de incêndio, ao lado dos postes, apoiados em carros, teve um dia
que foi na grama e
foi 1
quase,

– você de vestido é mais fácil, ele sussurrou me agarrando as coxas, eu disse:
– calma.

ele acalmou quando prometi
que em breve
faríamos sexo
e só de pensar no Pedro pelado, eu
já sentia espasmos
nas costelas de perna
bamba.
usava a palavra tesão
pra falar com a paula sobre o que eu sentia pelo Pedro quando a gente colava
a boca. a Paula ria, ela também
era muito
beijoqueira. a palavra tesão eu aprendi com o Gustavo,
um carioca que ficava na janela da vã do colégio. ele colocava a cara pra fora
e comia vento dizendo:

– que tesãaa.

de um jeito que até me fez buscar
a palavra
no dicionário e
Entendi.
o show
não era de todo mal, a Paula
estava se divertindo muito.
começou a dançar com um cabeludo
ótimo
dançarino de camisa xadrez e ele começou a dançar comigo, também,
dançamos os 3

em grude.
bebíamos da mesma
cerveja, parecia que nos conhecíamos há anos.
chegamos à conclusão de que
ser novo
é bem mais chato do que
ser velho, as cobranças, o colégio,
os pais, o
Futuro, espero
que não estejam contando com a gente pra salvar o mundo.
a paula chiou:

– eu queria ver melhor.

então nós colamos o mais rente que deu do palco, um bolo
de gente
junta.

– a batida dessa banda é muito boa, berrou o cabeludo.
– o quê? eu disse.
– a batida dessa banda. é muito Boa.

e era,
deliciosa a música que tocava, sorri concordando. acrescentei:

– é viciante.

e falei isso forçando
o tamanho
da boca.
a Paulinha nem ouvia ela pulava como uma louca sem
sutiã, que Bico,
eu pensei olhando, o cabeludo flagrou meu olho,
salivamos.
estava quente no show ao ar
livre e

choveu,
a banda tocava de olhos Abertos give me love
give me love give me
peace on Earth
give me light give me Life keep me
Free só que numa versão mais
punk. as pessoas
empurravam querendo
perto,
o espaço
na frente do palco ficou minúsculo, meus músculos,
me senti um bicho,
joguei cerveja no rosto e lambi as sobras que caíam na boca,
eles riram, me imitaram,
a Paula
arrancou a blusa e rodou no ritmo,
as tetas também
no ritmo
suamos e fomos ficando cada vez mais juntos
cada vez mais
justos e
quando dei por mim
estávamos beijando
a boca um dos outros até virar um beijo de bocas e foi
desfrute.
a língua da Paula
era muito gostosa com aqueles
peitos,
a boca do cara tinha cheiro de menta com aquele
cabelo.

ninguém perguntou de nomes,

fechei o olho
pra morrer a 3.

+

tinha conhecidos do colégio no show da banda moda.
alguém
tirou 1 foto do beijo triplo
e mostrou pro Pedro na segunda-feira que, aos gritos, socou o ar dizendo:

– puta.
eu gostava de você, sua
P u t a!
– eu ainda gosto, Pedro, Calma!
vamos conversar. foi uma
brincadeira,
a gente se deixou levar pela música, né, paula, mas juro acabou ali. a gente
 tinha bebido um pouco mais que o normal. aquela cerveja era muito
 vagabunda, subiu tão
rápido,
eu ia te contar,
mas não assim. não desse jeito, Pedro,
escuta.

e ele fugindo de mim com o punho
cerrado, a boca
molhada enchendo os corredores
com as letras

P
U
T
A

o que aos poucos foi me deixando
realmente
Putá.
em casa
na minha cama
percebi que
na verdade eu estava arrependida, me sentindo

Sozinha, querendo
morrer.
as pessoas
colavam fotos pela escola do pedro com chifres,
rei do gado
era seu novo apelido,

muuuuuuuuuuuuuuu quando ele passava,
muuuuuuuuuuuuuuu desenhado em bilhete

ele tacava tudo no lixo e a cara
magra, mais magra do que nunca.
escreveram
Pedro Corno
ocupando toda a lousa antes da professora chegar,
o apagador sumido,
tentei com a manga da blusa enquanto o povo da sala gritava:

– Puta!

um do canto foi mais longe:

– vem cá
dar aquele beijinho no meu pau.

meu Grito
estava a ponto de
explodir quando
a Paula me puxou pro banheiro me pedindo calma.
que nojo me dava
do amor
virando posse, das
pessoas virando cruas, do Pedro não entendendo nada com aqueles olhos
inchados e duros,
seu amor por mim
escorria

virando
Ódio, virando
ímpeto.
eu passava horas
trancada no quarto depois do colégio.
não queria comer, minha mãe insistia.
dizia que
o amor era um vento,
logo passa e começa outro com tanta naturalidade que você nem percebe.
mas é a culpa mãe,
trezentos
quilos
de culpa
e ela achando que nessa história eu era santa.
não contei
que beijei a Paula beijando outro, ela nunca ficaria do meu lado se soubesse
assim e naquele momento
eu precisava muito
de alguém do meu lado.
meu deus.
que saudade de quando nada disso tinha acontecido.
de todos os segundos antes disso ter acontecido.
a Paula
tentava
encontrar uma solução
propondo:

– vamos descobrir
quem foi o filho da puta que tirou essa foto.

mas pra mim era tudo tão
Tarde,
o tempo
escorria sem
sono das minhas
mãos.

sexta feira à noite eu
na cama, meu pai me disse:

– quer comer uma pizza?

não quis.

a semana não tinha sido fácil com o Pedro me odiando, eu estava
sem fome nem ânimo e meus pais
estavam

timidamente alegres no amor deles de anos, era
bonito ser sexta-feira e estar casado, espero que um dia faça sexta
no meu amor.

então eu disse, um pouco cúmplice:

– vão vocês.

e eles foram,
o amor é de uma força que
eu até me animei.
liguei um filme

ana e os lobos

estava em cima da mesa pra devolver na
locadora,

meu pai disse que era bom.

parecia ótimo

logo na primeira cena, mas

o cansaço

é uma coisa que

quando Chega

faz a pessoa dormir discretamente pra si mesma e começa na
pálpebra,

quando alguém tocou a campainha.

acordei.
olhei quem era
pela janela do quarto
e vi o

Pedro?,

lá embaixo que me viu também e disse:

– eu quero conversar com você.

meu ar
fugiu do peito,
tentei me arrumar rápida no espelho, joguei
o cabelo
pro lado passando perfume em lugares
estratégicos.
ele estava calmo eu senti
alívio, pensei em argumentos como
fiquei bêbada,
ninguém trocou telefone,
do cabeludo eu não sei
nem o nome e a paula
foi uma bobagem
esquecível
entre amigas, eu
já esqueci.
desci as escadas correndo num quase tropeço.
quando abri a porta
o Pedro
tinha 1 Faca
que colou no meu
pescoço.
meu grito
morreu no estômago

junto com o chute que ele me deu.
caí sem acreditar naquele Pedro que
arrancou o meu
vestido, o contato
rente
da Faca
queimava
a pele e
ardia enquanto o Pedro
mastigava meus peitos
pronto pra arrancar
o bico.

ele lambeu minhas coxas por dentro a buceta meu rosto o cu e a língua um
pau revirando,
entre a reza e o pulo escolhi
ficar dura
e estranhamente pronta
pra morrer.
foi quando o xixi
me escorreu
as pernas.

– tá mijando em mim sua porca?

ele arrancou o pau pra fora e fez o mesmo
na minha boca.

– engole essa, vadia.

o gosto morno
era azedo.
ele socou o pau
até o fundo mais
impossível da minha
garganta,

vomitei.

o pedro
ria,
disse que arrombadas como eu prestam só pra dar
e olhe lá que tem muita putinha bem mais
delícia
do que eu em cada
esquina.
ele abaixou as calças
abriu minhas pernas
e meteu com pressa
de olho
fechado, a cara toda
cerrada
de gozo e nenhum ódio,
o ódio agora
era meu.

Acabou

e eu
melada O chão
de ardósia O Pedro
subiu as calças
virou as costas
e saiu.

+

aos 18

– é um menino. – o médico disse

e colocou o bebê
no meu colo.
eu estava chorando
de cansaço,
olhei praquela criança
também chorosa, ela que
não fazia ideia
do que é no mundo nascer um menino,
alguém precisa contar.
não da parte física, claro,
isso ele vai descobrir sozinho
e muito rápido,
alguém precisa contar da outra parte, doutor,
as mulheres
abusadas nas trincheiras e
nos viadutos
não estão nos livros de história.
os ditadores sim
todos em itens
numa longa biografia.
olho pro meu Filho,
ele está
quente,

magro demais.
a enfermeira pega ele de volta
todo mundo está sorrindo
e eu precisando contar
pro menino
tanta coisa,
a maioria
triste.
o ser humano, filho, matou um alce
e também a África.
também a
Amazônia. também o boto
cor de rosa, também o Rio.
quando um bebê nasce
é preciso contar devagar pra ele
sobre a terra,
o futuro
espera numa concha.

um bebê no mundo

também precisa saber das histórias bonitas,
do som da gaita cabendo na rua,
do dedo no piano
e o piano de cauda que foi
vendido pra construir
aquela quitanda ali
na esquina
que ficou de herança
pra família silva, agora todos mortos.
um bebê precisa saber
do pirulito que vem de brinde
na revista,
que a biblioteca existe antes,
que antigamente telefone em casa era luxo. ter linha e vender a linha
era quase como ter um carro

e vender o carro.

um bebê nasce sugando leite,

ele precisa saber que dar o peito pode sangrar para algumas mães,
empedrar para outras,

ele precisa saber

que a chuva traz paz só pra quem mora no topo

quando chove o rio sobe tão alto que

vira grito, os carros

estão com vidros

fechados, na rua tem pedra

que bandido coloca pra furar pneu. se você cair

abrirá o vidro

e perderá o carro, é melhor seguir fechado

até o fim.

falta água

mas sobra água

invasora de barrancos, rodos com panos nas mãos das mulheres puxando o
cimento,

homens de chapéu parecem preocupados,

o futebol da molecada

teve que parar, por hoje.

amanhã o campo seca, disse o menino miguel.

aos bebês

é preciso contar que

a casa da gente

virou casas uma em cima das outras e isso é normal, a cidade dorme no entre.

algumas pessoas se recusam a vender seus terrenos pra virar apartamento,

mas as construtoras dizem de milhão e convencem, o dinheiro deixa

o corpo louco pra

grudar na nota.

fica o céu de teto,

nunca faltou céu no planeta terra

nem igreja nem açougue nem boteco.

quando um bebê
nasce

é preciso contar pra ele que bebês
também morrem
e o caixão
é sempre branco. ainda assim
quando um bebê nasce
uma Flor brota
no peito e sai
pelo leite da mãe.
é assim
que os bebês crescem
se alimentando dessa
flor invisível
algumas pessoas
chamam ela de
amor.

procurei a tal

no meu peito descampado

por nove
meses e depois
no hospital,

– isso é
tristeza pós-parto, seu corpo fez muita força.
mas deus é grande,
essa dor
passa rápido
e agora você precisa ficar forte
pra cuidar do seu

bebê. – a enfermeira disse.

em casa,

com o menino no
berço

e os anos passando,

procurei em cada canto

(nenhum sinal da Flor)

+

aos 28

meu filho fica com a bete enquanto trabalho num escritório de advocacia no
centro, a cidade cheia de
escritórios dentro
de prédios cheios de chaves e regras sobre
como se comportar em um
elevador.
tanta pompa
e da janela se vê na rua
um bando de gente caída nos lixos que são
camas, eles comem
papel
pra ter o que mastigar além da fome e morrem
de medo e
abandono.
dentro dos prédios não há
rastros de que essas pessoas existem, ninguém comenta do lixo na porta e da
gente doente,
dentro dos prédios é outro mundo,
tudo é limpo de mármore cheirando bem.
às 6 da manhã eu fico no ponto
esperando meu ônibus já lotado

tem gente que acorda às 5, pega condução às 5:30 e pega também o meu
assento.

em pé a caminho do trabalho era de segunda
a sexta.

no máximo às 7 eu estava na minha sala sempre a mesma, agora sim
sentada

e por quantas horas

Sentada,

numa mesa cinza com borda preta.

todo mundo que chega

passa

primeiro

por mim

A

Secretária, que escuta

e anota tudo principalmente os números

de telefone pra ligar

depois.

nem de longe era meu emprego dos sonhos

mas o chefe ia muito

com a minha cara, o que me dava

algumas vantagens, como por exemplo

sair

mais cedo sem levar 1 pito.

– é meu filho, doutor, eu preciso voltar.

e fazia biquinho, depois de dizer. usava umas saias.

virava de costas

pra pegar os documentos, aí

ele deixava tudo,

o idiota,

me pagava em dia eu não tinha

do que reclamar.

no escritório

tinha um bocado de gente que estava terminando o mestrado

pra começar o
doutorado e também
casar, trocar o
carro, algumas pessoas
preferem viagens. a Paula mesmo, eu soube que ela está na China com a
empresa bancando tudo, a mãe dela me disse no dia que trombamos na
farmácia.

Engenheira Civil, ela
virou. quem diria,
na época do colégio a gente nunca conversava sobre física ou matemática.
pedi pra ver uma foto, a mãe dela disse que não tinha
mas jurou que ela estava
igualzinha,
a mesma doida de sempre.

sorrimos.

– manda um beijo pra ela. – eu disse dobrando a esquina,
mesmo sabendo que beijo
não é coisa que se mande por recado
ainda mais
para uma velha amiga
o melhor a se fazer seria
telefonar
mas isso

eu não tinha peito,

não depois
de tanto tempo, sentia medo de ver distância nos nossos rostos, não contei pra
ela
sobre
a noite
em que o Pedro foi na
minha casa,
eu

não consegui contar

(pra ninguém.)

a mãe da Paula
levantou a mão num aceno,
depois entrou no carro e sumiu pela avenida.
e a Carla?
o que a Carla estaria fazendo se ainda estivesse viva?
talvez
fosse uma atriz
com aquelas imitações maravilhosas que ela fazia de Borboleta,
estaria na capa
de uma revista, provavelmente teríamos perdido o contato também.
tenho amigos que não morreram
mas é como se eles
tivessem morrido, ninguém se fala
apesar de ser possível.
até com meus pais
eu falo cada vez menos
e nada dói no meu corpo a ponto de chamar de
saúde,
com as pessoas vivas eu me sinto mais à vontade pra esquecer.
lembro quando olho no espelho
e vejo
entre as sobrancelhas
1 ruga que
parece um rio.
o que eu estaria fazendo se eu pudesse ter escolhido fazer alguma coisa?
pensando agora
eu ainda gostaria de ser
Aeromoça, elas
voam
sem precisar de asas ou colocar a mão no bolso e sim
o contrário.

são tão
bonitas, as escolhidas,
não parecem tristes ou ocupadas demais
enquanto eu
em terra firme
chego em casa
todo dia um
caco,
ainda bem que a bete existe.
desde que me mudei pra freguesia do
Ó essa vizinha me ajudou muito, é claro que
por alguns trocados.
os filhos casados só a visitavam na doença, uma senhora gorda e simpática
com problemas de coxas que roçam.
sozinha durante o
dia, ela
percebeu que meu filho precisava de ajuda.
me disse quando cruzamos:

- o menino chega da escola com fome, eu posso preparar alguma coisa pra ele comer.
- não tenho dinheiro pra babá.

a bete
retrucou dizendo que só queria mesmo
ajudar e
fechou o portão do prédio,
eu arrependida percebi que sim subindo a rua da praça.
no dia seguinte bati na sua porta
pra pedir desculpas
e ficou combinado uma ajuda
de custo em troca do almoço pro lucas,
também roupas usadas pra ela
levar na igreja e
uma amizade discreta entre nós.
a bete era Boa com crianças,

uma cozinheira
de mão cheia, e o que nasceu apenas como promessa de dar almoço pro
menino acabou virando o dia todo com ele que
Cresceu
menos no meu
braço e mais no dela.
as despesas da casa, contas de telefone, de
água e de
luz me davam oi antes do meu filho me dar.

– não vai me cumprimentar, lucas?

ele não queria parar o vídeo game, me explicou que o boneco
podia morrer.
lembrei do seu luís dizendo
há tanto tempo quando eu
era mais jovem do que o meu próprio filho, ele dizia que tudo
o que é vivo
morre, mas morrem também os virtuais, seu luís. também as coisas.
a minha televisão, por exemplo,
está morta
desde domingo.
ressuscitei agora em 15 minutos lendo o manual. apertei ON pelo controle
remoto:
funcionou e quanta gente triste
dentro da TV.
se for assim então eu bem que podia ser atriz de novela numa boa.
outro dia contei pro lucas
da carla morta feito boneco
do game.

– o cachorro matou e depois
foi morto,
quando um animal come carne humana
ele não quer mais saber das outras carnes e
acaba virando um bicho perigoso,

entende?

não tinha percebido que o lucas estava de fone.
ele foi pro quarto.

Levantou e foi, da porta me disse que estava com:

– fome.

mas da porta ele nunca me disse:

– conta mais de você, mãe.

ou

– eu te amo.

ou

– mãe,

na sala comigo

assistindo um filme, especialmente não assistindo nada, apenas deitado
no meu colo pra eu fazer cafuné naquele cabelo que faz tempo não sei do
cheiro, perguntei pra bete segunda se ele estava usando condicionador.

– tá sim que eu tô de olho.

e virou pro forno

pra tirar o bolo

do lucas que veio correndo

já de uniforme pra sentar na mesa e

tomar café.

pela fresta da sala

vi

aquele menino

comendo demais e muito

rápido, crescendo rápido também a barriga

as canelas,

alguns pelos
no canto da boca e as garfadas grossas no bolo já quase
acabando,
eu disse:

– chega.

mas os dois
riam alto,

tão alto que ninguém me escutou.

+

com o lucas na escola e a bete
de folga,
chorei assistindo um programa de TV. nascida há anos
ainda passo por esses vexames
aproveito e tiro uma foto
de dentro da minha cabeça. daqui um tempo
olharei pra ela e
ficarei triste
por eu ser eu mesma
e não haver outra saída possível pra deixar de ser eu e ainda assim seguir
vivendo.
reencarnar numa mosca
deve ser coisa breve e por isso
boa, um flash e depois
a morte de novo, uma mosca sabe
que moscas
morrem?
e quando finalmente ela está morrendo,
será que uma mosca dói?
será que ela não pensa ou ela pensa de um jeito que só quem é mosca sabe?
porque uma mosca também não sabe se a gente pensa, ela nunca
vai ter certeza
ao menos que ela se torne um ser humano, me diria seu luís.
eu estava tomando café
com o dia todo pela frente, a vida é tão longa com suas horas enormes,
no cemitério uma paz
de noite incurável,
aconteça o que que acontecer um morto está morto. não há urgência que o
faça levantar ou ser triste
tampouco alegre, é o nada absoluto que
me soa como belo, e se eu

me matasse?

agora sozinha

seria o momento perfeito que eu pensava
não existe
quando eu tinha
8,
abri a gaveta da cozinha pra ver.

tinha tesoura,
faca de churrasco, tinha a minha mão que eu coloquei no meu pescoço e
tentei apertar
mas foi devagar demais, foi
quase um carinho.
olhei de novo
pra gaveta de
pontiagudos
meus dedos
sem forças me dizendo que não sei enfiar na carne
algo que machuque a carne,
só metafisicamente sei fazer isso
muito bem,
fisicamente uma faca
e meu pulso
não se grudam, antes

solto a faca

e aumento o volume da TV.

a moça que me fez chorar
tinha sido sorteada entre milhares de moças,
uma delas podia ser eu
caso eu tivesse mandado carta pro programa, mas até isso dói.
expor
dói. me expor pro pessoal da produção.
Chovia. a moça da TV conseguiu a viagem dos sonhos, andou de avião pela
primeira vez,
ficou num hotel com

o marido e os dois filhos a família sorrindo pra câmera do programa, o brasil inteiro assistiu.

perguntaram pra ela, o repórter:

– como você está se sentindo?

e quando ela foi responder

engasgou,

pôs a mão no olho, não conseguiu falar e foi sincero.

aí meu pão travou na garganta,

caíram minhas lágrimas dentro do café.

eu não queria chorar,

estava odiando não conseguir parar de chorar como tudo, também não quero

lembrar e de repente

já estou lembrando,

vou perder o ônibus pro trabalho

comendo devagar assim e

chorando, meu chefe vai dizer:

– isso são horas?

são muitas

as horas

na mesa

de trabalho e o mundo lá fora, esperando, tem o que no mundo

quando há tempo pra ver?

quando eu tenho tempo pra ver, nada

acontece no banco

da praça, ali

tudo escorre e

tudo é perda

mesmo quando estou fazendo

o que imaginei que gostaria de estar fazendo,

mas ao fazer bate aquela sensação esquisita de ainda estar viva justamente

nesse ano, exatamente nesse corpo que sou eu, as pessoas

sabem meu nome, me chamam,

então eu existo ao mesmo tempo que sou
invisível na multidão.
imaginei meu telefone tocando:

– alô
aqui é o mauro diretor do canal de TV. você acaba de ganhar uma viagem.
pra lua.

a Lua da minha janela parece comestível.
de perto
com as suas cavidades cinzas
não deve ser tão
bonita
quanto vê-la do ônibus em movimento.

+

quando estamos sem Bete,
os cômodos da casa
ficam ainda mais
Vazios.
ela enche porque é gorda também por dentro,
a Bete é algo tão importante
entre eu e o lucas
quanto uma ponte
para o viajante que quer chegar.
de sábado
os amigos do meu filho aparecem em casa pra jogar vídeo game,
dlin dlon.
abro a porta e é:

– oi tia.

sem olhar na minha cara, depois o som alto na TV
de tiro
e de carro
freando, de boneco falando
em inglês e eu
lavando louça, arrumando a casa, colocando a roupa
no varal. já eles
colocam o pé
nos móveis, nas colchas, em cima
das almofadas limpas. nunca imaginei que meus sábados fossem se
transformar em dias
solitários mais que segundas, dias longuíssimos,
intermináveis.
acabo que não falo
nada de bronca
falar
cansa,
ouvir então
nem se fale. minha mãe me liga de tarde dizendo sempre a mesma coisa:

– filha, tá tudo bem? tá precisando de
algo? nos avise. e venha visitar a gente amanhã, estamos com saudade do
lucas.
ele está bem?
teu pai
tá mandando um beijo.

meus pais
casados há mais de trinta anos e felizes por terem casado e estarem felizes.
acho bonito,
mas acho esquisito também,
o amor.
quando longo
é coisa de quem mente
porque
se for pra ser sincera

meu filho

arrumou 1 Estilingue não sei onde.
da janela do quarto
o lucas e os amigos
bolaram um plano de matar
passarinhos,
eles gostam de ver
brutalmente interrompido
algo delicado que estava em
Movimento,

a pedra no céu

a pedra no estilingue

a pedra no corpo

o corpo
no chão e

a pedra,

que já não interessa mais, cumpriu sua função de
ponte.
então os meninos desciam
correndo até embaixo do prédio pra caçar
os corpos que nem sempre caíam onde eles calculavam, às vezes
longe
às vezes estranhamente perto já no primeiro degrau,
todos com sangue no meio das penas, sangue pequeno tamanho canário,
uma bolinha
de sangue era tudo o que o pássaro tinha
e bastava.
a bete
ocupada com o almoço pensava que bom o lucas
fora do quarto pelo menos um pouco.
depois da colheita
os meninos faziam um grande

Funeral,

colocavam os pássaros em caixas de bis, completavam os espaços com flores,
convidavam pessoas,

não me convidaram.
fiquei sabendo porque 1 mulher no elevador me perguntou se por acaso eu
era
a mãe do lucas,
eu disse que sim franzindo a testa.
ela me contou da matança em tom de ah esses meninos e a mão
na cintura.
fiquei em silêncio
olhando sem forças pra notícia saída da boca daquela
mulher.
o que eu estava criando,
um monstro?
que enterra
a morte prematura
num evento pra convidados que pensam isso é coisa de
criança?

isso é tudo

menos coisa de criança.
isso
é o lugar onde nasce
a dor.
isso é
tudo o que destrói a possibilidade de um mundo um pouco menos cruel
com os mais fortes abusando dos
mais fracos e o pai do lucas
dentro dele
e o pai
do lucas
dentro de
mim.

perguntei pra bete se ela sabia.
ela disse sinceramente que:

– não.

chamei o lucas na sala.
arranquei seu fone
de ouvido, o escudo que ele usava
sempre quando estava
comigo.
com a cara besta
típica
da idade
ele me perguntou em tom hipócrita:

– que foi?

eu
dei um tapa

mais duro do que eu esperava
na cara
do menino que não voltou a me olhar nos
olhos,

a bete
de mão na boca.

+

aos 37

dirigir pra longe com janela aberta é uma espécie de voo
apesar das rodas, apesar do
chão.

eu estava precisando de um pouco de estrada,
há anos que eu não dirigia,
não quis ônibus de novo e mais uma vez, fiz questão do carro
alugado
me levando pra onde minha cabeça estava
no lucas quase um
homem que me disse por telefone:

– ouro preto parece uma cidade de praia sem mar.

tomara.
morar com ele pelos anos que
moramos
era como viver com
um Estranho,

cheios de pudores nós 2 em nossos papos de café da manhã que quando
muito
duravam minutos, sempre finalizados com um:

– bom dia.

murcho e ele
fechava a porta de casa, eu com o pingado na mão imaginando quem era o
lucas depois da porta.
quando a bete morreu
ele ficou ainda mais calado, como se fosse possível e
foi
logo cedo
uma parada
cardíaca
o corpo largo esperando ser encontrado, o lucas
encontrou.
estranhou a demora e o silêncio,
tinha a chave da casa dela, entrou, foi entrando quando viu a morte
na bete dura
antes tão macia nos abraços e tardes de conversas que só eles sabem.
a bete
era o Elo,
chorei mais porque perdi nosso elo do que porque perdi uma pessoa que eu
conhecia.
o lucas chorou pelas duas coisas. aliás três,
por amor também.
a criança que ele foi tinha vida nos olhos dela
não nos meus.
a bete sempre ria das invenções dele, eu nem imaginava que o lucas era
criativo, não na minha frente,
então ela
me contou um dia, depois que cheguei do trabalho:

– o lucas disse que xixi tem cheiro de pipoca.

e ria, os 2
Riam, eu tentava
rir mas
sabia
exatamente qual era o cheiro que xixi tinha e dormia
cada dia mais
sozinha
achando cada dia mais
difícil conversar com o menino que meu filho tinha se tornado sem mim.
quando foi época de escolher
faculdade
ele fez questão de prestar fora de São Paulo, disse que aqui na cidade andava
tudo muito caído,
mas eu sabia,
não era por isso que ele queria partir.
quando passou na federal da
ex-
capital de Minas, que deixou de ser capital por culpa da sua
geografia, as ladeiras
intermináveis
não facilitavam o progresso, então planejaram belo horizonte e isso
foi o lucas que me contou
nas rápidas conversas que tivemos sobre sua ida,
a mala dele
ficou pronta
em meia hora
1 dia antes de partir.
na rodoviária demos tchau

ele do ônibus

eu do chão

(em algum lugar esquisito estávamos aliviados por não precisarmos mais nos
ver todos os dias)

disfarçávamos,
não nos sentíamos confortáveis na situação de mãe e filho não morrendo de
amores um pelo outro então tentávamos
à nossa maneira
nos dar bem.
aquilo era um sábado.
começou segunda o curso de história, raspavam o cabelo,
pintaram a cara com tinta, ele lavou a roupa na pia do banheiro,
estava gostando muito
inclusive da cidade, me disse por telefone que fez uma grande

Amiga.

depois,
ficamos um tempo sem nos falar.
toda vez que eu ligava
outra pessoa atendia dizendo que ele não estava ou ninguém atendia.
foram 2 meses
que viraram 5
que viraram 7
que viraram
Onze, eu sem notícias, mas depositando
o dinheiro pra pagar a república e a comida.
até que numa quarta-feira à noite ele
me ligou.
quando vi o telefone tocando
me permiti ver um pouco o lucas na linha

querendo me dizer qualquer coisa não mais importante do que o fato de não estarmos juntos já que, na verdade, nunca estivemos.

atendi.

ele pediu desculpas pelo sumiço entre rindo e muito sério.
contou que estava
namorando uma pequena
muito louca
que gastou tudo o que ele tinha, mas
agora acabou.
o problema
é ficar duro assim sendo que o mês está só começando e o estágio ainda pagando tão pouco.

– dia 15 é feriado, mãe.

ele sugeriu
que eu fosse lhe fazer
uma visita.

– uma visita?

repeti mais pra mim do que pra ele.

– por que não? você nunca veio a ouro preto, acho que vai gostar. aqui parece uma cidade de praia sem mar.

(respirei)

– é provável que dia 15
eu trabalhe.
você entende, não é?

ele disse que entendia sim e
desligamos.

fazia quase 1 ano
que eu não via
aquele menino que quando me perguntavam na rua quem era eu dizia:

– é meu filho.

incrédula.

como será que ele é depois desse tempo morando sem mim? eu
era a mesma sendo outra
a rotina
também muda as pessoas só que
mais devagar.
sem ele em casa
eu assistia muita TV
e comia menos
minha comida não era tão boa quanto a da bete.
fora que cozinhar só pra mim
tinha qualquer coisa de
triste
às vezes eu preferia comer
na casa dos meus pais que me diziam:

– como você tá magra, filha.

– você precisa arrumar um marido.

– mulher que não se cuida é pior que homem.

e isso
foi me fazendo
preferir dormir
ao invés de comer
lá ou qualquer outro lugar.
nos fins de semana eu ia ao mercado
comprava doces

depois comia assistindo os programas da tarde que falavam especialmente
dos programas da noite, mas
e o Lucas? como Ele
estaria?
será que brigáramos muito se nos víssemos?
talvez não brigássemos nada
além do nosso silêncio de sempre, eu já estava acostumada,
mas não com essa coisa
brotando no peito parecida com
saudades só que menos,
era o feto
da saudade,
muito magro ainda, mas
com vida
e sem saber pra onde ir.

uma visita.

oras,
e por que não?

+

em ouro preto eu ficaria num hostel que reservei na semana passada,
na república não tinha lugar
pra ser mãe com o lucas tão acompanhado de estar sozinho,
tampouco ele sabia
que no fundo eu tinha topado
lhe fazer a tal
Visita
e estava a caminho, chegar de surpresa poderia ser um inconveniente.
era duro pensar
como o tempo passa num
passo,
ontem eu grávida hoje ele um alto que já dormiu no meu colo, que já coube
no meu corpo, agora
em outro estado também de mim, apesar que isso
já acontecia
com a gente morando na mesma casa. às vezes
eu penso que o lucas nunca esqueceu
aquele tapa
ficou a marca no rosto dele
por dias e o que já era
longe em nós ficou ainda mais
inalcançável.
a estrada
pra Minas gerais
me engolia,
a cada curva um órgão a menos, chegando em Ouro Preto
eu-pó e às vezes
penso
que nunca
vou esquecer a morte
daqueles pássaros
ou a noite do Pedro em casa
corto um tomate
pra fazer o almoço
e penso que o tomate sou eu

a faca
é o Pedro, já cortei meu dedo assim uma porção de vezes, com outras frutas
também, mas o tomate
por ser vermelho
e ceder já no primeiro
corte,
principalmente.
às vezes
penso que só lembrarei dessas 2 coisas pro resto da vida, a minha mão na
cara do lucas, a mão do Pedro na minha cara,
a cara do lucas e a cara do
Pedro, acima de qualquer
memória.

Buzinaram.

eu estava invadindo a faixa
da esquerda.
acenei do vidro pedindo desculpas
e segui imaginando o lucas como ele estava agora,
fora do contexto de casa,
com novos ares, novos
hábitos, aquilo
me deu medo
de um quase
paralisismo.
se eu encontrasse com ele sem aviso
a chance
de eu não o reconhecer era grande.
se o cabelo estiver crescido então.
se ele estiver de óculos.
de braço
com a namorada ou
com um amigo,
quem sabe vários
cabulando aula pra tomar cerveja.

bob dylan me cantava no carro
a loucura dos homens que não veem um palmo
na frente a
montanha, eu cantava junto
baixinho
não queria atrapalhar.
quando ainda morávamos juntos,
o lucas me perguntou do pai em detalhes, pela primeira vez.
fiquei pálida.
durante a sua infância eu contei exatamente a mesma história:

você nasceu de uma noite, era verão.
que mais? tinha a lua
bem bonita no céu, não senti
medo.

então eu cantava pra ele
a música do
sabiá lá na gaiola fez um buraquinho
voou voou
voou voou
o menino que gostava tanto do bichinho
chorou chorou chorou
chorou
sabiá lá na gaiola fez um
buraquinho e o lucas no meu colo, a cabeça no peito,
voou voou
voou voou
o menino que gostava tanto do bichinho
ele dormia antes
da música acabar.
depois de crescido esse nino era pouco pra acalmar seu coração sem pai, ele
queria mais,
ficava me perguntando nas horas que eu estava muito desprevenida batendo
um ovo, tomando banho. a pena de crescer é querer
entender tanto. o lucas precisava ter visto o seu luís fumando palha,

regando as plantas,
num silêncio de não perguntas e não respostas.
se eu contasse
a verdade,

seu pai foi um
namoradinho meu que eu
traí e que ficou tão puto com seu ego de macho que me arrombou as pregas
com faca no meu pescoço, o covarde,
me deu um chute
na barriga que ficou a marca e você nasceu,
9
meses
depois. foi a minha primeira vez, pensei seriamente em
aborto.

mas não tive Coragem
pra dizer

Estupro.

então eu disse:

fiz sexo.

e a minha família falou:

– se foi mulher pra fazer vai ser mulher pra criar.

seu pai
sumiu do mapa.
fugiu para um tamanho de
longe que nunca mais
ninguém ouviu falar do nome dele. espero sinceramente que ele esteja
morto e que a morte

tenha lhe doído em detalhes, ainda que ele
esteja vivo,
porque uma morte metafísica pode ser ainda pior, então
eu desejo pra ele o pior, tenho rancor e te olhar
é
a coisa mais Difícil
porque você lucas
é a cara do Pedro
tem o olho
do Pedro
a boca, o cabelo, o jeito de andar e te ver acordando, te ver passando por mim
na cozinha
é reviver aquele maldito dia em segredo, diariamente,
com o fruto dentro
da minha casa sem saber.

eu não conseguia contar isso pro lucas,
não saía o som quando eu abria a boca pensando que agora seria uma boa
hora pra contar.
a verdade
estava morta
de tão trancada que ficou por esses anos.
escrever eu consegui,
mas a carta eu
fiz morrer
numa casa com placa de aluga-se na rua mato dos santos. passava por ela a
caminho do trabalho e minha vista grudava na velhice daquele lugar que já
deve ter visto tanto com paredes, minha história seria só mais uma
pra casa guardar.
desci do ônibus com a carta no bolso.
joguei por debaixo do portão, o papel
estacionou no jardim.
se alguém encontrar
saberá da minha história
sem saber quem eu sou.

pro lucas eu inventei:

– éramos muito jovens.

seu pai não soube

que eu estava grávida, saiu da cidade pra fazer faculdade. tínhamos brigado

feio, terminado tendo certeza que o amor acabou.

depois que descobri você na barriga ninguém contou porque

ouvimos dizer que ele casou

e trabalhava na empresa do pai da noiva,

ninguém teve coragem de atrapalhar nem mesmo eu,

fiquei insegura,

ele podia não acreditar em mim e achar que o filho não era dele, já tinha

passado tanto tempo.

até que um dia aconteceu um acidente terrível na estrada de Sorocaba.

seu pai

estava em um dos carros. não resistiu ao impacto da batida.

– como ele chamava, mãe?

– pedro.

parei no posto, pra abastecer.

+

num canto perto da loja de conveniência
um imenso cão preto
ficou me olhando, cheguei a pensar que era um porco.
ele tinha nos olhos
as chagas do abandono, além de rombos
por todo o corpo, uns mais frescos
que outros.
apesar disso era um cão calado na dor que sentia e não
tão
triste para além da dor que tinha.
o frentista mal me olhou
quando eu disse saindo do carro:

– enche o tanque.

já com o cão
eu fiz um longo
contato visual. nada em mim parecia o assustar, nem nele.
nem os machucados, a careca, o tamanho de
urso,
eu tinha um lanche
no banco do carro, pra depois.
enquanto o sujeito me abastecia,
abri o papel alumínio.
ofereci pro cão
que veio com calma
parecendo um velho
cavalo
à passeio.

– não confia muito não, hein, dona.
bicho é bicho.

lembrei da carla.

como será morrer pela boca de um cachorro?
será rápido? será
denso?
existe vida durante a mutilação ou já se morre de pronto só por saber que seu
corpo ficará em pedaços?
flertei com a morte bruta,
se aquele bicho quisesse acabar comigo eu

estava pronta.

o Cão
contrariando as minhas expectativas,
começou a comer o lanche com jeito de criança que tinha crescido demais.
senti o focinho me encostando a palma, a língua rápida e fina no movimento
de
fome, a cabeça musculosa maior que a minha, o canino
uma lança que não me encostou.
ele comeu com pressa, não aquela pressa de quem não sabe desfrutar das
minibelezas e sim a de quem sente
a dor mais
urgente e ao acaso encontrou
uma cura possível.
sentei no chão encostada na roda.
de perto deu pra ver a cor
do olho
do cão,
era vinho do porto, líquido também, mas
não era cego, ele acompanhava
meus movimentos
feito um lince.
ajeitou as patas
altas
e deitou esparramado
do meu lado
com cara de quem sabia alguma coisa importante
mas

não conseguia me contar porque
a coisa
não era do tipo das que cabem em palavras.
o posto
estava vazio
só com o moço que me abasteceu
louco pelo fim
do expediente pra que ele pudesse voltar pra casa
tomar um banho
jantar sozinho e dormir esperando o
quem sabe.
fiz carinho
na cabeça do cachorro e
foi tímido.
ele retribuiu fechando o olho
e manteve o olho fechado depois que acabei.
um animal daquele tamanho,
como?, ele veio parar aqui. precisa ser leve
pra ir tão
longe ou aquele lugar era longe pra mim
e casa pra ele.

– seu nome vai ser Vento

eu disse,
e abri do carro
a porta
de traz.
o Vento entrou,
ocupando o banco inteiro.
paguei a gasolina sorrindo.

– vai levar o bicho Mesmo, dona? – o frentista perguntou.

fiz que sim com a cabeça.

+

de volta à estrada
eu ainda não sabia direito o que fazer.
dirigi atenta às placas
escritas retorno são
paulo.
olhei o Vento pelo retrovisor:
ele caiu rápido no sono,
deve ser o balanço do carro que
provavelmente ele nunca andou.
quantos machucados ele tinha no corpo
mais vinho do que preto pelo sangue
seco. que bom que agora
a gente estava junto,
nunca mais ninguém vai te machucar,
quando ouvi um barulho
que logo percebi ser
de vômito,
parei no
acostamento.

– calma menino,
é assim mesmo.
isso é falta de costume. vem aqui, Vento,
encosta aqui.

ele ficou criança do meu lado na beira da estrada.
peguei da mala uma toalha de banho e
limpei o banco,
o cheiro do vômito era
insuportável.
enrolei a toalha no porta mala
borrifei meu perfume
pelo carro,
o Vento
não parou de espirrar.

éramos novos
naquilo de estarmos juntos
e ainda faltava bastante estrada
pra chegar

mas.

eu não precisava
chegar a lugar nenhum.
ninguém além de mim
estava me esperando em minas gerais.
tanto tempo
sem ver o lucas e ninguém morreu.
além disso
as férias existem,
ele pode passar uma parte delas em casa se quiser
é até melhor do que gastar com hostel agora
e com o vento cheio de
ânsia
a viagem vai ficar
impossível.
voltei pra estrada. li outra Placa
com a palavra

RETORNO

1 KM

800 M

500 M

300 M

barulho-curva

de pneu.

+

em são paulo
o Vento ganhou banho,
levou ponto,
tomou vacina.
o veterinário disse que foi corajoso
meu ato
sorri sem jeito.

– ele ficou até com cara de menino. – eu disse
passando a mão no pelo dele.
– não ficou? mas olha,
foi bom você ter falado nisso.
porque mesmo que não dê pra gente saber qual é a idade exata dele,
dá pra saber que ele já é bem idoso.

– claro. – respondi

entendendo que o tempo
sempre leva
as nossas coisas preferidas no mundo
e nos esquece aqui
olhando pra vida
sem elas.

em casa eu disse pro Vento

– chegamos.

ele me ouviu de lado
batendo o rabo
no vaso
que espatifou no chão.

– deixa isso pra lá, depois eu limpo.

ele subiu no sofá,
se ajeitou como pode naquilo que, com certeza,
era a melhor cama que ele já teve, os olhos derramando porto
mais que vinho.

– não me importo – eu disse pra ele – que seja breve o nosso encontro.
porque no tempo da minha
memória
somos pra sempre. não existe morrer dentro, é como uma canção.
as canções não morrem nunca porque elas moram dentro das pessoas que
gostam delas. você conhece aquela da rua? se
essa rua
se essa rua fosse minha?
eu mandava eu mandava ladrilhar
com pedrinhas com pedrinhas de brilhante
para o meu
para o meu
Vento passar. nessa rua nessa rua tem um bosque. que se chama que se
chama solidão.
dentro dele dentro dele mora um
Vento
que roubou
que roubou meu
coração.

ele dormiu,
exausto.

(apaguei a luz)

fui pro quarto e fiz
o mesmo
apesar do buraco que senti quando
sentei o olho no telefone lembrando do lucas.

aos 48

procurei bem
no armário, em todos os
cantos, por onde anda aquele meu
sapato?, o interfone
toca, atendo:

– já desço.

o Vento enlouquece com esses barulhos, ele pensa que teremos visita e
começa
a latir,
começa a
pular,
começa a abanar o rabo numa velocidade impressionante,
parece uma dança de boas vindas para o
desconhecido, eu

aprendo.

– ninguém vai subir, meu amor. se acalme. se agitar assim não te faz bem.

e nada, nadinha do sapato.

– vento, por acaso você comeu?

(silêncio da parte dele e uns olhos)

– vou ficar de olho no seu cocô.

ah, eu vou
com essa bota mesmo, na verdade
tanto faz,
é que quando eu coloco uma coisa na cabeça fico teimando comigo mesma e
isso
vira um jogo que eu quero
ganhar.
desci o elevador ainda me ajeitando, eu estava
ansiosa disfarçada de
Não.
abri o portão do prédio, o carro
cinza
à minha espera,
entrei no banco de trás.

disse:

– oi lucas,
desculpe o atraso.

no banco da frente a Joana noiva dele que eu não conhecia.

– como vai?

– bem e a senhora?
– sem senhoras por favor, assim eu me sinto uma velha.

o lucas tocou o carro pro restaurante.
a joana estava grávida de 6 meses, deu no exame que era
menino.
ser avó
me deixava com uma sensação ainda maior
ainda pior
de que a morte
estava
cada vez mais
perto, pra todo mundo,
perto,
até para os recém-
nascidos, ninguém está ficando mais novo. então eu escovo
meu dentes com força
o gosto do luto
nasce na
boca. e na barriga,
quando o Vento dorme eu fico olhando pra barriga,
imaginando a minha
quando a dele
parar de subir e descer.
às vezes
a respiração do Vento atrasa um pouco
é um susto então
ela volta
barriga pra cima
barriga pra
baixo,
no meu nariz o cheiro da morte
que claramente está
atrasada
ou esquecida
ou sem forças pra levar embora

um cão tão
grande, deve ser por isso que os elefantes vivem tanto, mas
e as tartarugas?
o veterinário já me disse:

– é esquisito.
– talvez o senhor tenha errado a idade dele.
– é.
talvez. mas não é comum um cachorro grande viver tanto.
– mas doutor. e se ele
não for um cachorro?

chegamos no restaurante.
lá eu pude ver a joana em pé
linda
dando risada de
tudo, não era uma mulher de verdade.
é claro que o lucas caía, com aquele par de
seios, aquela juventude, ele não conseguia
enxergar as manchas. aliás com ela grávida ele não conseguia enxergar mais
nada
além do filho e uma vida prazerosa ao lado da mulher geradora.
eu sabia que estava ali por praxe. de vez em quando é preciso levar a velha
mãe pra jantar ou algo assim.
o restaurante
era chique e tinha lagosta.
pedi a lagosta, justamente, fazia tanto tempo que eu não comia, a última vez
que vi lagosta
foi no filme noivo
neurótico noiva
nervosa.

– como vai chamar o menino?
– ainda não sabemos. antes queremos ver a carinha dele pra dar o nome, né
lu?

lu,
meu filho. eu dei o nome de
lucas
pra virar lu
na boca
da mulher que carregava dentro meu
neto
ainda sem nome. chamam isso de família, eu não tinha muito mais o que
perguntar.
me disseram que iriam fazer o parto na Itália, os pais de joana moram lá e
dariam todo o suporte. aliás o filho
nascendo lá ele nasceria Italiano, o que aumentaria as possibilidades de
escolha dele inclusive profissionais, eles falavam isso

Salivando,

o moleque não era nem nascido e já tinha gente pensando
na sua
profissão. o trabalho é
por tantas vezes
a maior tristeza da vida de uma pessoa e é só nisso
que certos pais pensam, no filho
crescendo e sendo alguém sendo que esse ser alguém envolve tudo menos
Ser.

– quando vocês vão?
– no final do mês. se esperarmos mais tempo vai ficar desconfortável pra
Joana viajar.

eles deram um selinho.
chegou a minha lagosta e o macarrão de frutos do mar deles dois que pediram
o mesmo prato.
por fora eu estava
elegante com bota preta. no íntimo
ficava pensando que me sinto
tão mais confortável com o Vento no sofá

do que com o meu filho e a sua nova mulher
e a culpa
era especialmente da nova mulher. ao contrário de bete, o elo,
ela era
joana

o abismo.

– vamos fazer o nosso casamento na Itália também, mãe, algo pequeno, não sei se você consegue licença no trabalho pra ir. será por meados de setembro, a gente pode te ajudar na passagem.
– nunca andei de avião.

o restaurante tocava jazz numa saleta.
antes da sobremesa levantei:

– quer dançar?
– vai Lucas.

insistiu a Joana, porque ele
estava fazendo que não com a cabeça. a sua resposta comigo era sempre não, primeiro.

Dançamos.

ele pisou no meu pé algumas vezes
e isso foi deixando o corpo dele cada vez mais ríspido. era um tiro ter meu filho nos braços
e senti-lo em outro país de mim também emocionalmente.

– não queria te perder.

eu disse baixinho apoiando o rosto no ombro dele.
achei que ele não tivesse ouvido
foi tão baixo, eu tinha dito pra mim primeiro.

– é só pro bebê nascer e conhecer os pais da joana. depois eu volto e também a gente já tá bastante acostumado a ficar longe um do outro.
por que esse apego agora?
– eu errei de não ter me aproximado o tanto que eu deveria quando você era menino e estava mais aberto.
– a gente não precisa ter essa conversa agora.
– mas eu quero. deixa eu te falar. pra mim foi muito difícil ter você, eu era uma menina e aconteceram coisas que você não sabe, não imagina. seu pai
– você já me contou isso, não precisa ficar repetindo.
vamos voltar pra mesa.

ele voltou antes de mim.

fiquei no meio
de toda aquela gente perfumada dançando a
2.
senti que o chão
abria
caí
sem pausa
nem grito.
Chega de tentar,
foi o que eu senti com aquela dança.
eu nunca
vou conseguir contar, no fundo
não devo querer.
ainda assim,
nada
justifica a minha ausência, se decidi ter o filho, então
eu devia ter vivido a minha decisão plenamente ao invés de ficar procurando
os restos
do Pedro
nos olhos do lucas, restos da noite
que eu não fui comer pizza e que eu devia
tanto

ter ido comer
a Pizza, restos do sonho de ser aeromoça
puxar mala
pelos aeroportos
e servir café pra quem voa comigo, servir um lanche, viajar o mundo,
conhecer hotéis, fazer uma lista das ruas mais bonitas e depois mudar
a lista inteira
usar
todo dia a mesma roupa, explicar como não morrer caso aconteça do avião
cair ou seja: ter fé
e calma, não deu
pra ser
nada
além de uma secretária mediana, também não fui mãe.
a Bete foi, por
anos. depois a Vida.
agora acho que a Joana era mãe. e acho também que o lucas não precisa mais
de mãe nenhuma,
nem eu do filho que
não matei.
pensei por nove meses vou matar
mas

não matei.

+

voltei pra mesa.

fiquei calada pelo tempo que restou da noite, só balancei a cabeça que sim
quando convinha e que não
quando necessário.

depois do jantar eles me deixaram em casa, não convidei ninguém pra subir,
tampouco eles pediram.

quando abri a porta
o Vento veio com aquele jeito
imenso
me cumprimentar.

– oi meu garoto.

Oi.

o rabo dele era tão
forte
parecia um braço esbarrando nos vasos, derrubando as plantas.
tirei todas do meio,
pra evitar acidentes que só eu limpo.

o Vento parecia tanto
um menino
mas eu sabia, não existiam mais meninos na rua da minha casa.
torço pra que minha vida com ele continue sendo assim tão
leve

nas nossas
velocidades curtas, um dia passeamos juntos sem coleira o vento e eu.
nos perdemos devagar pela cidade e não
nos importamos só porque
estávamos juntos
e desde que estamos juntos, parece que alguém acelerou os relógios do
mundo, penso que isso é Amor.

pegamos um táxi de volta pra casa, a noite estava morna,
parecia o natal
de uma família sem mortos, o vidro aberto do carro deixou o meu cabelo

duro.
foi melhor chegar em casa naquele dia do que hoje. eu estava cansada nos
dois,
mas o cansaço de lá
tinha a ver com pernas e patas que andaram mais do que aguentam e estavam
felizes, exatamente por isso.
o daqui
tinha a ver com a fuga de uma vida
eu me lembro do parto
que tive pro lucas nascer,
minhas pernas em

v

escancaradas.
empurrei o bebê na maior força que pude,
barriga e bunda trabalhando juntas,
pensei que perderia
os dentes
os cabelos sim,
eu perdi
muito cabelo desde que o lucas
nasceu pesando quase 5
quilos, 1 saco
de arroz que dura o mês inteiro numa família grande.
a enfermeira veio trazer o menino
pra mamar.
eu tinha leite em mim
e um filho no peito a cara
do homem que me fez
um filho pra nunca mais, jorrou
Leite
também dos meus
olhos.

hoje à noite
só água,
já que eu não era mais mãe e estava
decidido.
sentei no sofá olhando a parede
na frente sempre a TV
e o Vento
no meu pé ocupando tudo.
me subiu uma angústia que saltou do taco, achei que era
mofo,
mas era a morte, antes, da mãe que nunca fui.
olhei minha casa ao redor.
claramente entendi
o quanto eu detestava morar ali.
por isso me sentia um fantasma.
por isso que eu nunca estava, mesmo quando eu estava, a TV ligada
disfarçando
o tamanho do abismo entre
os cômodos.
aquela casa era um lar improvável com suas paredes
pálidas
há tantos anos
pálidas
sem ninguém pintar.
não tinha tapete, não tinha cheiro de
café,
uma casa empilhada no meio de tantas outras naquela rua feia que por várias
noites a lua esquecia de passar.
aqui nada é meu,
igual a todos os outros lugares.
a rua era minha só na criança que fui,
de resto que mundo
estrangeiro.

+

o lucas partiu pra Itália 10 dias depois do nosso jantar.
meu neto
nasceu pesando quase
3 quilos em parto
normal e se chama

Carlos Eduardo

não gostei do nome,
muito longo pra ser de
criança
e ele passaria um bom tempo
sendo criança,

– vocês já pensaram nisso? – eu disse por telefone.
1 criança chamada carlos eduardo? que nome mais burocrático,
vai acabar virando cadu.
ninguém aguenta dizer tanto
pra chamar uma pessoa.

eu estava no viva voz.
a Joana
ouviu e não gostou, ficamos
1 mês sem nos falar o lucas e eu.
um mês
que virou meses
que virou
ano que virou
anos sem
ninguém ligar.
isso aconteceu,
descobri mais tarde,
porque Carlos Eduardo era o nome do pai da Joana, foi por isso
que eles
ficaram tão chateados.

descobri mais tarde ainda que não era nada disso,

o problema mesmo foi a falta
também de amor.

+

aos 49

– é o maior cachorro que eu já vi na vida dona, puta que o pariu.
o pai desse aí deve ter cruzado com uma égua num é possível. é por isso que
a senhora tá mudando pruma casa?
– também.

e quanta caixa
eu descia pelo elevador, os homens do caminhão
pegavam, o mais falador era o motorista,
ele ficava me perguntando cada uma inclusive se eu queria ir ao cinema no
domingo. eu disse:

– não.

e pensava nas coisas empacotadas se mostrando maiores do que quando estão
expostas nos móveis, pacíficas.
as coisas preferem ser fixas, por isso quando as tiramos
dos lugares em que estão
elas se multiplicam, pra se vingar.
enquanto eu empacotava, desempacotava em mim
Memórias,
quando abri 1 caixa que estava
abandonada por pelo menos
20 anos no armário da lavanderia eu dei de cara
com o deusinho
sem manjedoura, a dona rosa tinha me dado depois da morte do seu luís.
cheirei o menino
jesus.
lembrei dos meus pais
numa época boa em que os dias eram mais
longos porque dava tempo de brincar de tudo e os dias
eram curtos, já que um verão
passava mais rápido do que
8 horas na mesa de trabalho.
meu pai
mora no olho do deusinho,
minha mãe no bracinho gordo e sinto
muita falta mas não agora
que eles estão mortos, ou antes,
quando a gente mudou tanto o jeito de ver o mundo que não cabíamos mais 1
no outro até o ponto de não cabermos mais na mesma casa, na mesma sala,
no mesmo telefonema de sábado à tarde.
a falta que sinto
é deles comigo criança que não entendia nada de morte e que segue na
mulher que sou não entendendo.
primeiro
morreu meu pai.
os homens morrem
10 anos antes das mulheres eu li numa revista de ciência.
dormindo

meu pai não acordou.
minha mãe sim e logo que abriu o olho sentiu o gelo de defunto na cama,
chamou a ambulância,
chamou a mim, chamou deus
mas meu pai não voltou.
no enterro as pessoas beijavam o rosto da minha mãe sentada
na cadeira ao lado
do caixão acumulando
pêssames.
foram tantos que
4 meses depois
minha mãe morreu também, os médicos disseram que foi do coração e
foi mesmo
muita tristeza
ficar tão sozinha.

– casais juntos há muitos anos não conseguem seguir vivendo quando a morte
os separa, – o padre disse
fazendo o sinal da cruz no caixão da minha mãe
que foi enterrada ao lado do meu pai e muitos santos
no cemitério
cuidando de tudo.
de vez em quando eu vou até eles
e levo uma flor
mas sinto que estou indo no lugar errado
sinto que os mortos não estão ali e as pessoas insistem que sim.
eu entendo,
todo mundo se sente confuso com essa história de parar de existir.
olhando o deusinho
eu fico lembrando
dos meus pais comigo pequena,

– sabia Vento,
que quando eu tinha uns 8 anos eu só dormia depois de ganhar a bênção? era
assim, a bênção, meu pai sentava na cama e dizia fazendo carinho na
minha testa a oração do santo anjo do senhor

meu zeloso guardador
se a ti lhe confio
a piedade divina sempre me rege
guarda
governa e
ilumina,
amém, o amém era junto eu e ele.
e depois tinha um beijo
da minha mãe,
o beijo mais quente do mundo.

embrulhei o Deusinho em papel bolha e coloquei na bolsa de mão.
antes
ele estava jogado
mas agora que eu o tinha encontrado era
diferente,
ele virou o barco de me levar até o melhor que eu sentia sobre meus pais e
que também ficava guardado numa palavra chamada saudade.
na mesma caixa
encontrei uma redação
de escola.
num primeiro olho me pareceu inédita, não lembrei que era minha,
feito 1 foto
muito antiga que
é você mesmo?
no portão,
com aquele shorts que já não existe mais
e aquele olhar que
muito menos.

+

A cura não existe

professora,
nem adianta me dizer que sim. as pessoas estão morrendo nas guerras eu vi
no filme forrest gump que elas perdem até as pernas
e ganham rodas nas cadeiras pra chegar em algum lugar ou tentar, mas elas
também perdem as mães, as roupas, a vontade de viver, a casa que elas
moram.
o ano novo delas é muito triste em um bar cheio de gente.
elas rezam pra deus mas ninguém sabe aonde deus está e nem os mortos. eu
sei.
minha mãe me contou quando a Carla morreu que corpo fica na terra e a parte
mais importante da pessoa morta fica no céu apoiada na nuvem. por isso
cada nuvem tem um desenho, são dos mortos-vivos que moram lá. eu acho
que a da carla tem formato de
borboleta pra eu saber que é ela. mas não achei nenhuma assim, tem muita
repetida de coelho e dragão, não sei se existe uma regra para os desenhos
nas nuvens. mas sei que a cura mesmo
não existe.
porque curar alguém é deixar o mundo feliz inteirinho e o mundo inteirinho é
triste, triste, professora, que nem a boca apagada de uma boneca que eu
tinha e dei
não estava mais aguentando
aquele rosto sem boca.
estou cinza
com a falta que a minha amiga me faz.
no dia a dia mesmo, sabe professora? e também umas outras coisas que eu
acho que perdi. como um pátio grande pra tomar lanche, tão grande que
faz o sinal de fim de intervalo soar como um:

– Mas já?

de tão legal que é estar ali. no colégio antigo era assim. nesse eu nem saio da
sala pra comer. eu como meu lanche na mesa que estudo, estou sempre
bem sozinha,

dá até pra tirar caca do nariz sem ninguém notar.
também perdi o deusinho do seu luís depois que a gente brigou meio entre
aspas porque a gente não brigou de gritar ou lutar. foi uma briga silenciosa
e secreta bem da minha parte, da do seu luís acho que Não, ele
é um homem de
deus.
também não sinto mais frio na barriga para atravessar a rua.
atravesso normal e não sinto nada.
quase não sinto nada além de saudade, professora.

(barulho de mão
amassando o papel)

+

minha casa nova
era a casa velha na rua mato dos santos,
liguei no número da placa e era verdade, bastava pagar o aluguel em dia que
 não era alto, ninguém queria
uma casa velha como aquela, a corretora me disse por telefone,
só eu.
o ruim era
o motorista do caminhão,
fui no banco
da frente
com o Vento usando muito espaço nos deixando bastante apertados.
trocando a marcha
inevitavelmente ele raspava
a mão na minha coxa e
falava da Bahia, da saudade de mainha e
de ver o mar.
eu tinha um ouvido no sujeito, pra não ser mal educada, e o outro
na minha casa
nova, sendo que o ouvido da mudança
era bem maior. ficava imaginando as coisas que eu viveria lá desde acordar
 cedo e passar o café, até quem sabe
novos amigos entrando,
por que não mais 1 cachorro e também
a morte já que eu morreria sem ranço na casa nova de tanto que eu gostei
dela.
perdizes pela janela era um bairro de ladeira.
minhas canelas
atrasadas de menina
enfim engrossariam mesmo sendo tarde demais pro amor e muita árvore
espalhada pelo bairro
a maioria grande cabendo uma casa,
eu gostava
das menores, o Vento de todas, fazendo sombra e tendo tronco pra ele já
 estava bom.

Chegamos.

o portão cor de
barro nos recebeu abrindo antes da primeira virada de chave, o quintal era
só grama mas meu plano era ter uma horta
quem sabe uma roseira.

(minha carta estava intacta no meio do jardim)

a sala
ampla ainda pelada, o eco dos passos subiu as escadas,
3 quartos gigantes com ar
de séculos.
tirei folga no trabalho pra ajeitar tudo.
demorei pra ajeitar
porque a mudança era uma espécie de cura e tinha que ser
lenta pra invadir todos
os meus
poros virando porta
aberta pra rua mato
dos santos, 462.
um banco no jardim foi presente do último morador dali que não levou,
deixou
pro próximo
sem saber quem seria o próximo e que bonito.
descarregamos caixa por
caixa, móveis
sendo colocados nos lugares que deviam, cozinha virando
cheia
cama
cadeira
mesa com garrafa de água e copos plásticos. ainda assim, a casa parecia vazia
de tão grande e bem maior que era do que o meu apartamento antigo.
agradei a turma.

o motorista apertou minha mão dizendo um:

– até breve.

tão sincero.

engraçado ainda existir a possibilidade de alguém querendo me levar ao cinema.

agradei o motorista por isso
mas ele pensou que foi pelo trabalho.

Anoiteceu.

eu vi a lua
no céu como
nunca, gorda, baixa,
líquida.
chamei o Vento,

– vem ver, meu amor.

ele ficou em 2 patas
na janela e ficou maior do que eu.
ele era

maior do que eu em todos os sentidos, esse menino de idade nenhuma.
se a morte não tinha alcançado o Vento morando naquele apartamento cinza,
aqui
muito menos.

pro deusinho ainda na bolsa eu queria um lugar especial e achei. deixei no
parapeito da janela da sala que mais dava
pra ver o céu,
espero que o Vento não o derrube,
se cair a resina vai morrer em tantos pedaços que o deusinho vai parecer ter
sido maior. avisei:

– Vento, cuidado aqui, tá?

e ele tomou
o maior cuidado, jamais encostou a pata

no deusinho.
a casa
eu pinteí de azul tranquilo.
dava pra ouvir os pássaros, beija-
flores voavam na minha janela daquele jeito pousando e eu me assustava um
pouco porque me lembravam borboletas,
conservo meu medo
de borboletas
pra carla não morrer em mim.
ser adulto por vezes não deixa a beleza das coisas entrar tão facilmente,
a gente começar a
desconfiar.
mas era bonita à beça, a casa nova,
de uma beleza suficiente pra me fazer respirar de novo não pela boca
e o teto
parecendo uma cúpula
que logo na primeira noite comecei a chamar de segundo céu.

+

aos 50

o sol nascendo
é um espetáculo minúsculo de tempo, de beleza um mar que logo vira aquele
céu de sempre mas o começo
do céu
da manhã, os primeiros raios com rastros de lua,
por eles é preciso estar de olhos
abertos, eles ensinam a coragem que eu nunca vi. guerras
mortes
latrocínios acontecem e o sol nascendo por cima de tudo não importa ontem
quem morreu.

a partir das 6 da manhã muda, vira escritório, rotina, banco,
muda também na gente que ainda que coma da melhor comida
caga e mija
10 minutos depois.
com a janela do meu quarto parecendo porta
não preciso de
despertador, também não quis cortina.
era bem mais perto do trabalho a casa nova
e a vontade de não trabalhar também estava
cada vez mais perto de mim que agora mora numa pequena mansão
velha e barata além das
baratas
que o Vento
caçava e adorava comer, me mostrava antes
orgulhoso.
deitei meu nojo por amor,
vi nos olhos dele A Importância, então
eu elogiava e que alegria
ele ficava
o rabo
rápido sorrindo sem dente a barata se fingindo de morta
na língua, eles sumiam
por entre os cômodos, eu chamava:

– Vento!

e um eco,
ele demorava pra voltar
se perdia,

– vê se não corre tanto meu amor, não te faz bem
(em)
(em)

a casa
tinha poucos móveis.

preferi assim,
os espaços respeitados, corredores largos feito país.
fui na loja de jardim e comprei mudas
de rosas que plantei no quintal de mato alto
o cheiro me lembrava tanto
a casa do seu luís.
comprei um regador mas chovia
muito, a rua
é crua um pouco menos quando chove,
eu menina
fazia chover na vida das bonecas
com regador.
os finais de semana eu passava cuidando
das plantas, do Vento,
varrendo o quintal,
a casa e
demorava, pelo tamanho dos cômodos.
não me importava,
dançava com a vassoura e uma vez o cabo
me lembrou um encaixe que
eu gostei.
encostei num canto.
rocei de baixo
pra cima
até sentir as pernas
bambas, no peito
um vulcão.

(meu deus)

eu estava viva,
ainda.

troquei a televisão por uma vitrola.
vendi e comprei, além de discos e uma caixa de som tão antiga, o moço da
loja me disse:

– acho que não funciona.

e foi ligar na tomada que o som encheu a casa
até o
quintal.
a música
escorria pelas paredes,
eu jurava que via a música escorrer
mas pensei que estava ficando
sozinha demais e começava a inventar distrações mentais parecidas com
loucura.
coloquei Nat King Cole
um dia
sentei no banco do ex-morador generoso
pra ouvir, o Vento sumido,
o vinil
do Nat no lado A com ele cantando em inglês.
no lado B,
espanhol.
o ouvido no inglês me distraiu tentando entender uma língua que não sei
muito bem. se eu fosse aeromoça teria que saber pra conversar com os
gringos,
estudaria muito
até que eles me dissessem:

– are you from brazil?

abismados.
ficou silêncio de fim de disco
só com o chiado
da agulha e eu
imersa tomando vinho de mercado mesmo, gelado de geladeira
completamente fora da temperatura ideal, mas
era um vinho, afinal de contas,
e era

domingo, as paredes azuis o céu também.
foi então que Nat
começou a cantar

cachito,
cachito, cachito
mio
pedazo de cielo que dios me
dio

e minha vitrola
simplesmente não vira o disco sozinha.
fiquei pensando como
?,
corri até a sala pra ver se descobria e tudo normal inclusive a atmosfera de
domingo
à tarde.

humn. – pensei.

a casa nova era

esquisita,

eu já tinha reparado em alguns estalos
saídos da madeira da escada que não era
de madeira,
a torneira da pia do banheiro
só fechava no encanamento do box,
às vezes pra direita às vezes pra esquerda, eu já tinha reparado, o deusinho
parece que tinha engordado,
os azulejos ficavam molhados quando fazia calor,
o mato do quintal ventava só pro mesmo lado e agora
o disco
que Esquisito
e mais ainda o fato

de eu não estar sentindo medo
nenhum.

+

aos 52

todo sábado de manhã tem feira no quarteirão de trás da minha rua.
eu ia
a cada 15 dias, repor minha geladeira pra 2 e mais do que isso.
ir na Feira
me levava direto
pra infância
no ceagesp, meu pai
me colocava nos ombros pra eu ver todos

os caminhos de barracas que ainda tínhamos pra andar,
eu via de cima e contava, dava umas 20,
tinha recém-aprendido matemática com o material
dourado.
queria chegar logo na parte dos animais, eles vendiam coelho e peixinho.
um peixe
dentro do saco transparente era o meu maior desejo,
na barraca do lado
peixes mortos pra fritar no domingo, as pessoas perto de comida
ficam felizes de um jeito simples, somos
animais.
eu gostava tanto do ceagesp quando menina
que eu até tirava foto
no jardim de lá e mostrava na escola para os meus amigos dizendo que aquele
era o jardim da minha casa.
eles me achavam rica.

– caramba, um jardim desses.

– sim,
uso helicóptero e esse
é o jardim da minha casa que cabe
1 feira.

não era
de todo mentira
já que eu me sentia em casa ali e sentir também é jeito de dizer a verdade,
a parte do helicóptero eu assisti num filme.
adulta na feira
eu gostava de apalpar as Frutas
cada uma tinha um peso, um
cheiro, quando deixavam eu mordida a manga suja mesmo,
as cores amarelas do abacaxi e da
banana eram amarelas tão
outras, o vermelho
da maçã, o vermelho

do tomate me
assustava cada vez
menos,
todo mundo na feira de carrinho ou de sacola porque lá se quer mais do que
os braços conseguem carregar então
truques de carregamento são bem-vindos.
aqueles feirantes acordaram mais cedo do que o mundo inteiro,
acordaram ontem e estão de avental trabalhando até hoje.
estariam mais tristes se não fosse pelas
frutas que são
as flores de um lugar sem
flores, a barraca das rosas
hoje não veio.
a mão na carteira a mão
na mão do feirante mais chegado, os chamados de

– olha a couve,

– olha o chuchu,

os preços escritos
em papel jornal
a letra
era a mesma em todas as barracas, quem escrevia aquilo tinha padrão e não
tem escola pra ensinar esse padrão.
a feira perto de casa
era no tempo de uma rua
mas a caminhada durava mais porque se parava muito. quantas horas eu
estava ali?,
meu carrinho
tinha rodas que
quando comprei
eram transparentes hoje pretas de tanto rodar e as kombis
abertas
esperando: eu comia pastel.
queijo ou carne,

não variava mais do que isso e quando chegava em casa
não sentia fome.
tomando cana conversei com uma velha amiga, a marta. ela tem 78 anos e
nunca deixou de fazer feira. me disse que o dia que deixasse,
ela
estaria morta. queria ser assim, também.
achei a marta uma coragem
e voltei pra casa pensando em ruga, o carrinho cheio, o sol
na nuca.
quase chegando eu vi
a Bagunça
uma confusão de gente e moto um pouco mais a frente do meu portão que
estava aberto.
fui chegando mais
perto
mais
perto quando
vi
1 rabo
troncudo daquele jeito só podia ser

o Vento?

meu corpo foi ficando um
Chumbo
foi ficando um
túmulo de andar e quando o Vento percebeu que era
eu
o rabo dele
balançou tão forte quanto sempre mas o corpo
Imenso
estava grudado
no asfalto
feito borracha de

pneu.
soltei o meu
pior
grito
que não saiu
pela boca
saiu pelo cu

e o rabo do Vento

parou.

+

chorei aberta
pra sair a
dor,
sorriso eu não sabia mais em que lugar que ele ficava no corpo.
não dei beijo
no Vento
antes dele morrer.
dei depois mas depois não adianta. também de manhã antes de ir pra feira
eu não
disse nada de
tchau, ele estava dormindo tão
doce
não quis acordar e o tempo
não volta.
fiquei sem comer.
o telefone
eu cortei da tomada, a vitrola
nunca mais deu um pio.
deixei de tomar banho
a casa
cheirava merda que eu não ia ao banheiro
cagava
ali
mesmo
ao lado do
sofá que virou minha casa inteira e também meu abraço, o cheiro do Vento
ainda no couro.
o passar das horas
se tornou
insuportável.
o relógio da cozinha acabou a pilha e esse foi o único pedaço de alívio que
senti,
a casa
em Silêncio profundo.
fiquei vivendo de ar

vomitando de
fome.
as baratas
ao lado do sofá
pareciam querer
saber
o que tinha acontecido com o amigo.
eu disse:

– um carro matou
o Vento que
não era daqui.
um animal
de idade nenhuma
do tamanho de um cavalo criança, tão acostumado com o nosso sossego, o
nosso
amor.

me alaguei no choro
meu sofá o barco
meu tapete o rio.
o Jesus eu taquei da janela
quebrou no quintal como se fosse
escultura,
na verdade
era um bibelô de Deus que deixa acontecer qualquer coisa no planeta Terra e
assiste.
se eu decidir matar bebês com faca e fazer um plano bom ou
for rápida
eu mato
o tanto de bebês que couber no tempo antes de alguém me apunhalar as
costas, o homem faz
alguma coisa, alguns homens fazem algumas coisas,
agora Deus e todos os deuses
assistem
o Vento

morrer sem
corpo, não teve enterro porque
não tinha corpo,

– só rabo – o veterinário me disse
com calma,

logo o Vento daquele tamanho
morrer virando
adubo de asfalto

que F rio.

+

ela caiu no sono.

vomitou dormindo
e não acordou.
sonhava de novo com
a chegada
pra ver o Vento morto
só que dessa vez ele não estava morto
o portão
não estava aberto, no sonho
o Vento estava em casa esperando e isso a deixou tão feliz que ela não
acordou, não pôde,
nem o gorfo conseguiu e então
nunca mais.
a morte de engasgo foi muito feia, só a boca trabalhou e um pouco da barriga.
os olhos fechados
estavam no sonho do Vento não-morto, o corpo todo estava no sonho mas
1 parte do peito
estava no lucas e no carlos
eduardo.
no entanto
eles estavam vivos, ela sabia que sim e não ver alguém nunca mais por
questões sentimentais
doía menos do que
não ver alguém nunca mais porque a pessoa deixou
de existir.
o corpo dela foi encontrado por culpa dos vizinhos
que estavam reclamando do cheiro fortíssimo da casa 462,
a polícia foi verificar.
quando recebeu a notícia da morte no escritório, o Chefe
ficou visivelmente abalado
pensava que o sumiço dela
tinha a ver com
desistir
daquele trabalho antigo

pra quem sabe tentar ser aeromoça como uma vez ela tinha dito que

queria

da vida Nunca,
da vida não tinha passado pela cabeça dele
que chorou
compulsivamente, as pessoas no escritório acharam um

exagero.

de resto
a cidade seguiu seu curso,
nem parecia
que alguém tinha morrido
até porque todos os dias alguém morre sem ninguém saber.
as plantas do quintal
morreram também, demoraram mais porque aquele era um mês de chuva.
quando o clima secou elas
cederam, foi bom,
vivas elas se sentiam muito sós. a Carta
tinha morrido anos atrás picotada no lixo que virou reciclado de leite longa
vida e muita gente bebeu.
os móveis
morreram de
cupim. as baratas
fizeram uma longa viagem pra:

– Praga.

algumas
morreram no caminho.
os tapetes
endureceram. a vitrola e os discos
perderam a boca.
só a casa se manteve Viva e o proprietário nunca mais conseguiu alugar,

além de velha morreu gente lá e deu no jornal.
a casa ficou tão lápide
que mesmo depois de 50 anos
quando tentaram demoli-la pra construir um prédio importante
não conseguiram.
Explosões,
guindastes e nem 1 tijolo
mexeu.
as pessoas sentiram Medo e
deixaram a casa em paz.
200 anos depois
com a vista tão
futurista
era estranho ainda ter aquela casa na rua, as pessoas achavam
esquisito.
tentaram demolir com métodos supersônicos
pra construir o que nem sei imaginar de tão futuro que era.
sei só que de novo
não conseguiram e
não conseguiriam nunca,
aquela casa estava disposta
a ser a última
do mundo
e quando se quer muito alguma coisa,

bingo.

+

póstumo

eventualmente o lucas foi avisado da morte da mãe, ligação internacional.

a polícia contou o que sabia e não era muito,
se o lucas

chorou não foi perto de Carlos Eduardo com quase 6 anos louco pra aprender
a ler,

nem tampouco perto do sogro que confiava tanto
nele.

a Joana

colocou a mão nas costas do marido quando percebeu que o telefonema era
definitivo e depois

um abraço, esse foi o máximo que os dois conversaram sobre a morte.

no ano seguinte

o lucas

veio pra são Paulo resolver alguns

pepinos da empresa

do sogro com cliente no brasil.

aproveitou e foi ao cemitério ver a mãe que não estava lá, era pedra com data
de nascimento e morte,

além da frase a cura

não existe

escrita como epitáfio que

cobria o buraco

guardador de

caixão.

parecia mentira que a sua Mãe pra sempre

não estava mais

viva

quando um homem chegou

de buquê.

disse bom dia,

o lucas respondeu

– bom dia.

e ficou com vontade de perguntar

quem era.

À minha família, por todo o apoio. Ao Marcelino Freire, pela chama. Às leituras de Lucimar Bello Frange, Tiago Juliani e Débora Gil Pantaleão. À amizade e parceria de Juliana Soares Ferreira. Ao Joca e seu Empurrão.

© Editora NÓS, 2017

Direção editorial SIMONE PAULINO

Editora assistente SHEYLA SMANIOTO

Projeto gráfico BLOCO GRÁFICO

Produção gráfica ALEXANDRE FONSECA

Produção de ebook [S2 BOOKS](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
de acordo com ISBD

B422p

Bei, Aline

O peso do pássaro morto: Aline Bei

São Paulo: Editora Nós, Edith, 2017.

168 pp.; 14 cm × 21 cm.

ISBN 978-85-69020-23-3

1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.

2018-866 / CDD 869.89923 / CDU 821.134.3(81)-31

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira: Romance 869.89923

2. Literatura brasileira: Romance 821.134.3(81)-31

Todos os direitos desta edição

reservados à Editora nós

Rua Francisco Leitão, 258 – sl. 18

Pinheiros, São Paulo SP | CEP 05414-020

[55 11] 3567 3730 | www.editoranos.com.br